



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PRISCILA MARQUES COSTA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE UBERLÂNDIA:
UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Uberlândia
2017

PRISCILA MARQUES COSTA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE UBERLÂNDIA:
UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: (i) Teoria, descrição e análise linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C837v
2017

Costa, Priscila Marques, 1989-
As vogais médias pretônicas no falar de Uberlândia : um estudo
variacionista / Priscila Marques Costa. - 2017.
99 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Fonologia - Teses. 3. Vogais - Teses. I.
Magalhães, José Sueli de, 1967-. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

PRISCILA MARQUES COSTA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE UBERLÂNDIA:
UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 17 de julho de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (Orientador) – UFU

Prof^a. Dr^a. Ailma do Nascimento Silva – UESPI

Prof^a. Dr^a. Adriana Cristina Cristianini – UFU

Dedico este estudo

A Deus, por iluminar meu caminho a todo o momento.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes me limito ao labor do pensar, esquecendo-me de que as coisas mais belas da experiência humana vêm de dentro: vêm da alma. É no recálque desta ideia que me incito a lapidar as páginas seguintes que resumem toda uma trajetória que, por sinal, não foi fácil. De todo o modo, resta-me dizer que o caminho percorrido até aqui deixou marcas profundas e que, se não fosse por pessoas especiais, eu não seria capaz de percorrê-lo.

Diante disso, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, por ter me guiado e colocado pessoas especiais no meu caminho.

Aos meus pais, Alaessi e Delvaci, por terem me apoiado de forma extraordinária em todos os momentos da minha vida, sendo assim, essa conquista é nossa!

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, por me receber de braços abertos e despertar em mim uma forte identificação pela Fonologia.

Aos meus familiares, tios, tias, primos e, em especial, à minha avó Carolina Oliveira Marques, por estar o tempo todo torcendo por mim.

Ao meu amigo e irmão de coração, Lucas Chagas, pelos momentos compartilhados juntos que ficarão cravados em minha memória. Obrigada!

À minha grande amiga e companheira de jornada, Giselly Lima, obrigada por todos os momentos em que estive ao meu lado. Aprendi muito com você e com a sua família.

À minha amiga, Fernanda Alvarenga, pela companhia nas lidas e relidas do texto final da dissertação e pelo suporte que me fez chegar até aqui.

À Fabiane Lemes (Fabi), por ser minha amiga e conselheira sempre que precisei.

Às minhas amigas e companheiras de trajetória acadêmica: Érica Silva, Flávia Freitas, Sueli Gomes, Elaine Moraes, Rowena Monteiro e Elizandra Zeulli, agradeço intensamente pelos momentos e experiências compartilhadas.

Ao Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO), que me possibilitou o privilégio de aprofundar os meus conhecimentos em Fonologia.

À Universidade Federal de Uberlândia, em especial aos professores João Bôsko, Maria de Fátima, Alice Cunha e Fernanda Mussalim, com quem compartilhei momentos de intensa aprendizagem.

Aos professores Camila Tavares Leite e Ariel Novodvorski, pelas excelentes contribuições feitas durante a qualificação.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), pelos atendimentos e pela atenção que sempre recebi por parte da coordenação e dos funcionários.

À minha amiga e professora Ana Júlia Queiroz Furquim, agradeço carinhosamente por motivar-me a trilhar o caminho em busca dos meus sonhos.

À minha amiga Daiane Barbosa, por estar comigo nesse momento tão especial.

À minha grande amiga Simone Costa, pelo carinho que dedicou a mim no decorrer desta jornada.

À Suellen Dias, pela amizade e pelo carinho que sempre teve comigo.

Aos pastores Raimundo e Leide, por, ao longo dessa trajetória, estarem me abençoando com palavras de oração.

Às minhas inesquecíveis amigas de graduação e parceiras para toda a vida: Raiane Santana da Paz, Tatiana Costa e Angélica Gomes, muito obrigada pelas palavras de carinho que marcam a nossa trajetória de amizade.

Aos meus ex-alunos e à família Cesaf. Foi por vocês que busquei me aperfeiçoar a cada dia mais.

Aos amigos amados: Yasmin Cabral, Elandjane Eduarda, Neuza Helena, Tassiany Costa, Maria de Fátima, Noeli Marques, João Carlos Marques, Alesxandra Lopes (Nininha), Gibran Carlos, João Vítor Marques, Irene Marques, Thomas Marques, Deise Dário, Alexandro Souza, Priscila Mendes, Lúcia Santos, Juliana Marques, Ivone Monteiro, Liliane Pinheiro, Lenair Dutra, Rayane Pinheiro, Maria Carolina Marques, Joseny Dias, Adenides Freitas, Ivonete Souza, Letícia Silva e a prima Lara, amigos estes que a vida me apresentou e estiveram comigo durante as jornadas de estudo. Muito obrigada a todos vocês!

Em especial, quero agradecer à Doralise (Dona Dora), por ter se tornado parte da minha família. Obrigada por todos os momentos em que estive comigo durante essa caminhada, com orações, telefonemas e me ajudando de todas as formas.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido para a realização desse estudo.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para esta pesquisa ser realizada.

“A linguagem é multiforme e heteróclita; [...], ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social [...]” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 17).

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o abaixamento variável das vogais médias pretônicas no município de Uberlândia-MG. Para o desenvolvimento deste estudo, nos pautamos, principalmente, nos pressupostos teórico-metodológicos de Labov (2008). O *corpus* desta pesquisa foi composto por 24 entrevistas que fazem parte do banco de dados do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO), da Universidade Federal de Uberlândia. Os participantes foram estratificados de acordo com três variáveis extralinguísticas, a saber: sexo (masculino e feminino); faixa etária (entre 15 e 25 anos, entre 26 e 49 anos e acima de 49 anos de idade); grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo). Além disso, os participantes deveriam ser naturais de Uberlândia e nunca ter morado fora da cidade. As variáveis linguísticas consideradas foram: modo de articulação do contexto precedente à vogal pretônica; ponto de articulação do contexto precedente; modo de articulação do contexto seguinte à vogal pretônica; ponto de articulação do contexto seguinte; altura da vogal tônica; qualidade da vogal tônica; distância da vogal tônica em relação à vogal da sílaba pretônica; distância da vogal pretônica em relação ao início da palavra e tipo de sílaba pretônica. Os dados foram codificados e submetidos ao programa de análise estatística *GoldVarb X*, cujas rodadas resultaram em um total de 2.549 ocorrências, das quais 1.608 referem-se à vogal /e/ e 941 à vogal /o/. Em 298 ocorrências houve a realização de [ɛ], ao passo que a realização de [ɔ] teve 176 ocorrências. A variável altura da vogal tônica foi a principal favorecedora da variante média baixa no dialeto de Uberlândia-MG, o que caracteriza o abaixamento por meio da harmonia vocálica, uma vez que a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica foi selecionada pelo programa estatístico como a maior favorecedora do abaixamento de ambas as vogais analisadas. Portanto, os resultados mostraram que, na fala dos uberlandenses, predomina a realização das vogais médias altas pretônicas, porém com a presença considerável da variante média baixa, especialmente diante de uma vogal média baixa na sílaba tônica, o que demonstra a variabilidade do fenômeno investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Vogais Médias Pretônicas; Abaixamento.

ABSTRACT

This research aims to investigate the variable lowering of pre-stressed mid vowels in Uberlândia-MG. To develop this study, we based mainly on the theoretical-methodological assumptions of Labov (2008). The *corpus* of this research was composed of 24 interviews that are part of GEFONO's database (Group of Studies in Phonology, at Federal University of Uberlândia). The participants were stratified according to three extra-linguistic variables: gender (male and female); age (from 15 to 25, from 26 to 49 and older than 49) and educational level (between 0 and 11 years of study and above 11 years of study). In addition, the participants should be natural of Uberlândia and never have lived out of this city. The linguistic variables considered were: mode of articulation of the preceding context to the pre-stressed vowel; point of articulation of the preceding context; mode of articulation of the following context to the pre-stressed vowel; point of articulation of the following context; stressed vowel height; stressed vowel quality; distance from stressed vowel to vowel of pre-stressed syllable; distance from the pre-stressed vowel in relation to the beginning of the word and type of pre-stressed syllable. The data were encoded and submitted to the statistical analysis program *GoldVarb X*, whose rounds resulted in a total of 2,549 occurrences, of which 1,608 refer to the vowel /e/ and 941 to the vowel /o/. In 298 occurrences, there was the realization of [ɛ], while the realization of [ɔ] had 176 occurrences. The variable vowel height of the stressed vowel was the main favored of the variant mid-low in the dialect of Uberlândia, which characterizes the lowering through vowel harmony, since the presence of a mid-low vowel in the stressed syllable was selected by the program as the greatest favoring of lowering in both vowels analyzed. Therefore, the results showed that, in Uberlândia's speech, the realization of mid-high vowels pre-stressed prevails, but with the considerable presence of the variant mid-low, especially when there is a mid-low vowel in the stressed syllable, which demonstrates the variability of the investigated phenomenon.

KEYWORDS: Variation; Pre-stressed Mid Vowels; Lowering.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vogais do PB na posição tônica	25
Figura 2 – Vogais do PB na posição tônica diante de nasal	25
Figura 3 – Vogais do PB na posição átona final	26
Figura 4 – Uberlândia nos primórdios da sua colonização	49
Figura 5 – Mapa da localização de Uberlândia-MG no território brasileiro	50
Figura 6 – Mapa territorial de Uberlândia-MG	51
Figura 7 – Critérios sociolinguísticos para a estratificação dos participantes	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos números de participantes nos grupos de fatores sociais	29
Quadro 2 – Resumo dos fatores que favoreceram a aplicação da regra de abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra geral dos dados de Uberlândia-MG	64
Tabela 2 – Altura da vogal tônica	65
Tabela 3 – Tipo de sílaba pretônica	66
Tabela 4 – Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação)..	67
Tabela 5 – Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação)	68
Tabela 6 – Qualidade da vogal tônica	69
Tabela 7 – Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)..	70
Tabela 8 – Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica	71
Tabela 9 – Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação)	72
Tabela 10 – Sexo do participante	73
Tabela 11 – Altura da vogal tônica	75
Tabela 12 – Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)	76
Tabela 13 – Tipo de sílaba pretônica	77
Tabela 14 – Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação) ...	78
Tabela 15 – Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação) ...	79
Tabela 16 – Sexo do participante	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1 Sociolinguística: o Estudo da Linguagem no Contexto Social	19
1.2 Heterogeneidade e Variação Linguística	20
1.3 As Variantes e as Variáveis	22
2 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	24
2.1 As Vogais do Português Brasileiro	24
2.2 Fenômenos Envolvendo as Vogais Médias Pretônicas	27
2.3 Revisão de Literatura	28
2.3.1 A pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de Formosa-GO	29
2.3.2 As pretônicas no falar teresinense	31
2.3.3 O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA	32
2.3.4 O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG	37
2.3.5 As vogais médias pretônicas em Pará de Minas	40
2.3.6 A harmonia vocálica, por Bisol (1981)	44
3 METODOLOGIA	48
3.1 O Cenário Sócio-Histórico da Pesquisa	48
3.2 Critérios para a Seleção de Participantes e Amostras	52
3.3 A Seleção dos Dados	53
3.4 Seleção e Definição das Variáveis em Estudo	54
3.4.1 A variável dependente	54
3.4.2 As variáveis independentes	54
3.4.2.1 As variáveis independentes linguísticas	55
3.4.2.1.1 Contexto fonológico precedente à vogal pretônica	55
3.4.2.1.2 Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica	56
3.4.2.1.3 Altura da vogal tônica	57

3.4.2.1.4 Qualidade da vogal tônica	57
3.4.2.1.5 Distância entre a sílaba pretônica e a sílaba tônica	58
3.4.2.1.6 Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica	58
3.4.2.1.7 Tipo de sílaba pretônica	58
3.4.2.2 As variáveis independentes extralinguísticas	59
3.4.2.2.1 Sexo	59
3.4.2.2.2 Faixa etária	59
3.4.2.2.3 Grau de escolaridade	60
3.5 A Codificação dos Dados	60
3.6 O <i>Software GoldVarb X</i> e sua Colaboração na Realização de Análises Estatística...	61
 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	63
4.1 Grupos de Fatores Seleccionados para a Aplicação da Regra de Abaixamento da Vogal Média Pretônica /e/	64
4.1.1 Análise dos resultados referentes à vogal /e/	65
4.2 Grupos de Fatores Seleccionados para a Aplicação da Regra de Abaixamento da Vogal Média Pretônica /o/	73
4.2.1 Análise dos resultados referentes à vogal /o/	74
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
 REFERÊNCIAS	84
 APÊNDICES	88
 ANEXO	96

INTRODUÇÃO

Por ser heterogênea, múltipla e variável, a língua é considerada um produto social, que se manifesta de diversas formas. Sendo assim, torna-se instrumento do meio social e dos falantes que a utilizam até mesmo como forma de demarcação sócio-geográfica. Isso porque os indivíduos são constituídos por relações históricas, sociais, culturais e políticas distintas, que se refletem diretamente no sistema linguístico dos falantes e da comunidade onde eles estão inseridos. Desse modo, em uma língua, encontram-se várias pronúncias para um mesmo referente. Essas diferentes formas de pronúncia são o que caracteriza o conceito de variação linguística. Assim, a língua é um conjunto heterogêneo e diversificado e a variação linguística é um retrato dessa heterogeneidade. Dinâmica e multifacetada, é possível dizer que a língua é um organismo vivo que passa por nuances e transformações comprovadas em investigações de natureza sincrônica – a própria variação – e diacrônica – a mudança.

Nesse sentido, para analisar a variação linguística sincrônica, esse estudo busca investigar, além da estrutura da língua, o meio social e os fatores que desencadeiam a variação das vogais médias em posição pretônica. Portanto, o ponto central desta pesquisa sobre o falar de Uberlândia-MG, sob o viés variacionista, é descrever e analisar a regra de abaixamento variável das vogais médias /e/ e /o/¹ na sílaba pretônica. Este estudo assume, pois, como alvo, a variabilidade das vogais médias, em observância à possibilidade de esses segmentos serem realizados como médias altas [e] e [o] ou como médias baixas [ɛ] e [ɔ], o que pode ser ilustrado nas palavras n/e/gócio e c/o/lega, variavelmente realizadas como n[e]gócio ~ n[ɛ]gócio e c[o]lega ~ c[ɔ]lega, respectivamente.

Para realizar esta pesquisa, pautamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, conforme instituídos por Labov (2008)². Além desse autor, recorreremos a trabalhos já realizados sobre as vogais médias do Português Brasileiro (doravante PB), como os de: Graebin (2008), Viana (2008), Silva (2009), Rezende (2013), Fagundes (2015) e Camara Jr (2015)³. Também recorreremos a Bisol (1981) que, embora não tenha

¹ A representação em barras indica que nos referimos a um fonema. Quando tratamos da realização fonética, utilizamos os colchetes.

² A obra *Sociolinguistic Patterns*, de 1972, foi traduzida para o português em 2008 e é essa versão que utilizamos nesta dissertação.

³ A primeira edição desta obra data de 1970. Neste trabalho, cotamos a edição mais recente, datada de 2015.

estudado o abaixamento, é uma referência obrigatória para qualquer estudo sobre as vogais do PB.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a variação das vogais médias pretônicas no falar uberlandense, descrevendo e analisando os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra variável que mantém ou abaixa tais segmentos. Como objetivos específicos, elencamos:

- Verificar os contextos nos quais há a ocorrência das variantes [e] ~ [ɛ], [o] ~ [ɔ];
- Averiguar quais variáveis independentes linguísticas favorecem a ocorrência da vogal média alta e da vogal média baixa;
- Investigar quais variáveis sociais, ou seja, extralinguísticas (sexo, faixa etária e grau de escolaridade) favorecem a realização da variante baixa e da variante alta das vogais médias;
- Analisar como o processo de variação influencia o sistema vocálico da comunidade de fala uberlandense;
- Identificar a variante do subsistema vocálico pretônico predominante na cidade de Uberlândia-MG.

Em consonância com os objetivos específicos, esta dissertação foi norteada por duas perguntas de pesquisa, quais sejam:

- Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas favorecem a aplicação da regra de abaixamento?
- Quais são as formas variantes predominantes nos no subsistema vocálico pretônico no falar uberlandense, no que se refere às vogais médias?

Portanto, tendo como sustentação a sociolinguística variacionista e os estudos sobre a variação das vogais médias realizados no Brasil, levantamos algumas hipóteses norteadoras desta pesquisa. Para tanto, postulamos a ocorrência da variante média alta como manutenção e a ocorrência da variante média baixa como resultado de uma regra de abaixamento. Hipotetizamos, pois, que:

- Há variação das vogais médias pretônicas no dialeto de Uberlândia-MG, de modo que essas vogais são realizadas como vogais médias altas ou como médias baixas;
- A regra de abaixamento é mais frequente em sílaba pretônica em início de palavra;
- O abaixamento ou a manutenção das vogais médias /e/ e /o/ depende dos segmentos que antecedem ou precedem a vogal média pretônica analisada;

- Os segmentos que compõem a sílaba pretônica, bem como a sílaba tônica, podem favorecer a aplicação da regra de abaixamento;
- A altura da vogal tônica favorece o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica, sobretudo, se a vogal tônica for uma média baixa;
- O abaixamento ocorre com mais regularidade em palavras em que a sílaba tônica é nasal do que em palavras cuja sílaba tônica é oral;
- Quanto mais próxima a vogal pretônica analisada estiver da sílaba tônica ou do início da palavra, maior é a probabilidade de as vogais pretônicas serem realizadas como [ɛ] ou como [ɔ];
- A regra de abaixamento se aplica com mais frequência em sílabas leves do que em sílabas pesadas;
- O abaixamento ocorre mais no falar de indivíduos do sexo masculino do que no do sexo feminino;
- A faixa etária mais alta selecionada para o desenvolvimento deste estudo (acima de 49 anos de idade) realiza com mais frequência o abaixamento de /e/ e de /o/ do que os falantes mais jovens (entre 15 e 25 anos de idade);
- Os falantes que possuem grau de escolaridade entre 0 e 11 anos de estudo aplicam mais a regra de abaixamento do que os falantes que têm mais de 11 anos de estudo.

Por fim, avaliamos que a realização desta pesquisa se justifica essencialmente por descrever o sistema vocálico do falar uberlandense, contribuindo assim com a descrição das características linguísticas desta cidade; contribuir com os estudos variacionistas sobre as vogais médias pretônicas; e, ainda, por estimular a realização de outras pesquisas sobre a regra de abaixamento variável em Minas Gerais, haja vista que muitas regiões desse estado de linguajar tão diverso ainda carece de estudos desta natureza.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, a saber:

No Capítulo 1, abordamos a base teórica da pesquisa, mais precisamente, sobre a sociolinguística variacionista proposta por Labov (2008) e, assim, tratamos de algumas questões sobre a variação decorrentes desta vertente teórica.

No Capítulo 2, discorremos sobre o sistema vocálico pretônico do Português Brasileiro e apresentamos uma revisão bibliográfica sobre alguns estudos importantes sobre o assunto, quais sejam: Bisol (1981), Graebin (2008), Viana (2008), Silva (2009), Rezende (2013) e Fagundes (2015).

No Capítulo 3, apresentamos a metodologia de pesquisa. Inicialmente, descrevemos a cidade de Uberlândia, onde esse estudo foi realizado; depois, detalhamos como foi feita a

seleção dos dados, a partir dos critérios metodológicos da sociolinguística variacionista e, também, apresentamos cada variável elencada para a realização deste trabalho. Por fim, explicamos como foi feita a codificação dos dados e, em linhas gerais, como funciona o *GoldVarb X*, programa utilizado para a análise estatística dos dados.

No Capítulo 4, tratamos da análise dos dados, apresentamos os fatores que favoreceram e que desfavoreceram o abaixamento e a manutenção das vogais médias pretônicas, bem como os pesos relativos e as porcentagens de cada variável selecionada. Neste capítulo, ainda fazemos uma análise comparativa deste estudo com outros trabalhos apresentados na revisão bibliográfica e já citados nessa seção.

O Capítulo 5, que é o último capítulo dessa dissertação, é dedicado às considerações finais sobre os resultados detalhados na análise. Após esse capítulo, estão as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento deste estudo, além de todos os códigos elaborados para codificar os dados no programa de análise estatística, quadro de especificação das variáveis selecionadas para realização deste estudo e o roteiro de perguntas utilizado para coletar os dados.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é dedicado, sobretudo, à sociolinguística variacionista, conforme a proposição de Labov (2008), que é a base teórica que norteia esta pesquisa.

1.1 Sociolinguística: o Estudo da Linguagem no Contexto Social

A sociolinguística é a área que estuda a língua no seio social, ou seja, investiga as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e a língua. A esse respeito, Mollica (2015, p. 9) afirma que “a sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

A sociolinguística busca estudar os padrões de comportamento linguístico que são observados a partir de uma determinada comunidade de fala. Nesta proposta, algumas questões centrais sobre a mudança linguística são respondidas com base em princípios teóricos, quais sejam: a) o sistema linguístico é heterogêneo; logo, faz parte de uma comunidade de fala, também, heterogênea; b) a língua varia, ou seja, existem processos de mudanças que podem alterar os padrões de uma comunidade; assim sendo, a mudança pode implicar variação; já a variação não implica, necessariamente, uma mudança em curso (Cf. LABOV, 1972, 1974, 1982, 1994; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

Em oposição às correntes tradicionais sobre os estudos da língua que perpassaram a primeira metade do século XX, isto é, o estruturalismo – que trata a língua como externa ao indivíduo – e o gerativismo – que considera que a língua está na mente do falante –, a sociolinguística surgiu, na segunda metade desse século, como uma nova forma de tratar os estudos linguísticos. Nesta nova perspectiva, Labov (2008) entende que língua e fala se misturam, de modo que não mais a homogeneidade, mas, sim, a heterogeneidade de uma comunidade de fala é o ponto fundamental de qualquer investigação linguística.

A esse respeito, Labov (1972) afirma que

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e uniformes a respeito dos padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121)⁴.

A concepção de língua como estrutura sem variação, ou seja, a homogenia, é deixada de lado e passa-se a estudar a língua na sua heterogeneidade, considerando a sua evolução sincrônica dentro de uma comunidade. Portanto, segundo Labov (2008, p. 215), a sociolinguística é um modelo teórico-metodológico “[...] que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala, com vistas a uma teoria linguística adequada para dar conta desses dados”. É através dos dados que a sociolinguística busca descrever e analisar os processos de variação presentes nas línguas, pois, a língua é objeto característico unicamente da espécie humana e pode variar por meio do seu uso nos contextos sociais.

Em suma, a sociolinguística surgiu para dar conta de questões como a variação, a mudança linguística, o bilinguismo, a heterogeneidade da língua, as línguas minoritárias, entre outras questões que demarcam as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos quando fazem uso da língua.

1.2 Heterogeneidade e Variação Linguística

Na abordagem laboviana, a língua é concebida como um sistema heterogêneo. Sendo assim, a variação é derivada dessa heterogeneidade do sistema linguístico. Tarallo (1994, p. 57), seguindo o pensamento laboviano, ratifica que “1. a língua falada é heterogênea e variável; 2. a variabilidade da fala é passível de sistematização. A língua falada é, portanto, um sistema variável de regras”. Com base nesses postulados, podemos afirmar, então, que a heterogeneidade presente na língua é reflexo da variabilidade social e também das diferenças presentes no uso das variantes linguísticas por determinados grupos sociais.

A variação corresponde a duas ou mais formas linguísticas que podem ocorrer no mesmo contexto, tendo o mesmo valor referente. Há vários tipos de variação, por exemplo: a) variação diastrática, que se refere ao patamar social que o falante da língua ocupa; b) variação

⁴ Tradução nossa do original: “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage” (LABOV, 1972, p. 120-121).

diacrônica, que se refere à variação ao longo do tempo; c) variação diatópica, referente a lugares ou regiões; d) variação diamésica, que ocorre entre a língua falada e a escrita; e) variação diafásica, que corresponde à variação individual de cada falante e ocorre levando-se em consideração a escolha linguística do falante, que vai ser determinada conforme o lugar social onde o falante está inserido no momento que faz uso da fala.

Sobre a variação diafásica, Labov (2008) afirma que

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p. 140).

Desse modo, na pesquisa variacionista, ao considerar uma determinada comunidade de fala, Labov (2008) assevera que as formas linguísticas estarão sempre em variação, podendo estar em coocorrência (duas formas sendo utilizadas ao mesmo tempo) ou em concorrência (duas formas concorrendo). Assim, a coocorrência trata da utilização de duas ou mais variantes para o mesmo referente, sendo o falante quem escolhe qual utilizar. Já a concorrência, como o próprio nome diz, representa duas formas concorrendo para que uma se sobreponha e ocupe o lugar da outra em um determinado contexto.

Um exemplo de concorrência pode ser aferido entre a vogal média e a vogal alta em posição átona final, em que a segunda tem ocupado o lugar da primeira em todas as regiões do país, exceto em um ou outro ponto da região Sul, especialmente em áreas de fronteira.

(1) salt[o] → salt[u]
pel[e] → pel[i]

Outro exemplo de variação linguística em coocorrência é o caso da alternância de grupos consonantais como [l] vs. [r], que estão em variação na produção oral de palavras, como exposto em (2):

(2) bicicleta → bicic[l]eta ou bicic[r]eta
problema → prob[l]ema ou prob[r]ema

Nas palavras em (2), as duas formas estão em variação no vernáculo. Assim, o falante deve saber utilizar qual a variável linguística correspondente à situação comunicativa em uso. Quanto à variação, para Labov (2008),

É comum que a língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa. Algumas palavras como *carro* e *automóvel* parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano* (LABOV, 2008, p. 221).

A sociolinguística tem como função identificar a forma linguística presente no uso recorrente da língua de uma comunidade e, assim, tentar esclarecer, descrever e analisar a relação entre a língua e a sociedade.

1.3 As Variantes e as Variáveis

O advento da sociolinguística variacionista tem demarcado a importância de se estudar a língua em contextos reais de comunicação e resalta a existência da natureza sócio estrutural concernente ao uso da língua. Na pesquisa variacionista, o objeto em comum de uma determinada comunidade de fala é a língua e suas várias formas de realização que caracterizam uma região ou um grupo no qual o falante está inserido. As várias formas de realização de uma língua são denominadas de variantes, que são definidas por Mollica (2015) da seguinte forma:

Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes [...] (MOLLIKA, 2015, p. 10-11).

Nesse sentido, entendemos como variantes as várias formas que uma determinada variável, ou seja, o fenômeno em estudo, assume. As variáveis podem ser de cunho linguístico, que são as que agem sobre o sistema linguístico corroborando para a variação, e as denominadas extralinguísticas ou sociais, que são advindas do meio social onde o falante está inserido. Essas variáveis podem considerar fatores como: sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social, entre outras.

Desse modo, em uma pesquisa variacionista, o primeiro passo é definir a variável dependente para, em um segundo momento, selecionar as variantes dessa variável. A partir da definição da variável dependente e de suas variantes, o pesquisador escolhe um modelo teórico

para explicar os dados. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 38), “juntamente com a formulação de uma regra variável (ou outro modelo teórico de variabilidade), devem-se identificar possíveis fatores condicionantes que possam influenciar a escolha entre as alternantes ou a aplicação da regra variável”.

Os fatores condicionadores para a aplicação da regra variável podem agir tanto sobre as variáveis linguísticas quanto sobre as extralinguísticas. No caso das variáveis linguísticas, podemos citar a variável altura da vogal tônica em uma palavra como “relógio⁵”. Nesse exemplo, a vogal tônica é uma média baixa e pode favorecer o abaixamento da vogal média alta pretônica, de modo que a vogal pretônica também seja realizada como uma média baixa, como em: “r[ɛ]lógio”. Quanto às variáveis extralinguísticas, que são os fatores externos à língua e que também atuam sobre o sistema linguístico para que ocorra a variação, podemos citar, como exemplos, a classe social e a faixa etária do informante, entre outras.

Nesta pesquisa, a variável dependente é a alternância de altura entre as vogais médias pretônicas no dialeto uberlandense. Delimitamos também as variáveis linguísticas, extralinguísticas e seus respectivos fatores que podem favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra de abaixamento variável e que estão detalhados no Capítulo 3.

Segundo Silva (2009, p. 61), “[...] a Sociolinguística faz-nos entender que a variação não resulta de uma mescla dialetal irregular, mas é característica inerente e regular de todo sistema linguístico”. Desse modo, para nos ajudar a compreender o comportamento das vogais médias pretônicas do PB e o fenômeno do abaixamento, recorreremos aos pressupostos da sociolinguística variacionista.

No próximo capítulo, apresentamos o sistema vocálico do PB, abordamos alguns fenômenos relacionados com as vogais e discorremos sobre os estudos de Camara Jr. (2015) e de outros autores importantes para o estudo das vogais pretônicas em diferentes regiões do território brasileiro.

⁵ Destacamos em negrito a vogal média pretônica e sublinhamos o contexto em análise.

2 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, abordamos o sistema vocálico do PB, desde os estudos de Camara Jr. (2015) até os mais recentes realizados, em diversas regiões do Brasil, sobre as vogais pretônicas. Estes estudos tratam da variação na sílaba pretônica e de alguns fenômenos recorrentes nessa posição, tais como: a neutralização, a harmonia vocálica (HV) e a assimilação.

2.1 As Vogais do Português Brasileiro

As vogais do PB foram estruturalmente descritas por Camara Jr. no início da segunda metade do século passado e, ainda hoje, os estudos desenvolvidos por esse autor são tomados como ponto de partida para qualquer pesquisa que envolva a variação das vogais, como é o caso desta dissertação. Ao tratar das vogais, o autor parte da realidade oral presente na língua. Camara Jr. (2015, p. 39) afirma que “a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparente das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones”. Portanto, a distinção entre as vogais parte das propriedades ou traços distintivos que cada uma possui.

O autor destaca que,

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama “acento”, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos. Desta sorte, a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas (CAMARA JR., 2015, p. 40-41).

Desse modo, conforme a representação das vogais do PB proposta por Camara Jr. (op.cit.), na posição tônica, o sistema vocálico é representado por sete vogais que são reduzidas para cinco em contextos onde há a presença de consoantes nasais, como podemos ver na Figura

1.	Não arredondadas		Arredondadas
altas	/i/		/u/
médias (2º grau)	/e/		/o/
médias (1º grau)	/ɛ/		/ɔ/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Figura 1 - Vogais do PB na posição tônica

Fonte: CAMARA JR. (2015, p. 43)

A Figura 1 mostra que a sílaba tônica preserva o contraste, o que é importante para que haja distinção lexical. É a partir do contraste que podemos distinguir palavras como: s[e]co e s[ɛ]co, s[e]de e s[ɛ]de, s[o]co e s[ɔ]co.

Em relação às vogais médias, a perda de contraste ocorre quando a vogal é seguida de uma consoante nasal fazendo com que haja redução vocálica. Isso porque, nesta posição, ocorre a neutralização e as vogais se reduzem, ou seja, as vogais médias de 2º grau desaparecem. Assim, diante de uma consoante nasal, o sistema vocálico do PB é reduzido para cinco vogais, conforme exposto na Figura 2:

	Não arredondadas		Arredondadas
altas	/i/		/u/
médias (2º grau)	/e/		/o/
médias (1º grau)	-		-
baixa		/ɐ/	
	anterior	central	posterior

Figura 2 - Vogais do PB na posição tônica diante de nasal

Fonte: CAMARA JR. (2015, p. 43)

Sobre a redução vocálica, para Camara Jr. (2015, p. 43),

[...] o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de *neutralização*.

A neutralização⁶ também ocorre na posição pretônica, desencadeando a redução vocálica. Portanto, tanto a posição pretônica quanto a tônica seguida de nasal ficam reduzidas a cinco vogais.

É importante ressaltar que, apesar de a neutralização também ocorrer na posição pretônica, esse fenômeno não corrobora para a perda de traços distintivos entre as vogais médias. Nessa posição, sabe-se que as vogais predominantes são as médias altas /e/ e /o/, mas o falar de grande parte dos indivíduos das regiões Norte e Nordeste do Brasil é caracterizado pela produção das vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ na sílaba pretônica. De acordo com Callou, Leite e Moraes (1996), a realização das vogais médias baixas pretônicas é mais frequente no falar do Norte e Nordeste do Brasil, já na região Sul do país é mais comum que ocorram as vogais médias altas. Esse é um fator que diferencia a pronúncia dessas regiões.

A redução mais drástica que ocorre com as vogais do PB é na posição átona final. Nessa posição, o sistema vocálico passa a contar com apenas três vogais, como mostra a Figura 3.

	Não arredondadas	Arredondadas
altas	/i/	/u/
médias (2º grau)		
médias (1º grau)		
baixa		/ɐ/
	anterior	central posterior

Figura 3 - Vogais do PB na posição átona final

Fonte: CAMARA JR. (2015, p. 45)

De acordo com a Figura 3, a posição átona final é composta por três segmentos, pois, nesta posição, as vogais médias não ocorrem. Isso ocorre porque o sistema vocálico sofre uma drástica redução, ou seja, as sete vogais da posição tônica passam a três na posição átona final.

Diante do exposto, nota-se que o quadro vocálico do PB aponta para processos fonológicos que envolvem as vogais em posição tônica, pretônica e átona final. Assim, na próxima seção, descrevemos alguns fenômenos envolvendo as vogais do Português Brasileiro, a saber: a neutralização, a harmonia vocálica e a assimilação.

⁶ Esse fenômeno será explicado com mais detalhes na Seção 2.2.

2.2 Fenômenos Envolvendo as Vogais Médias Pretônicas

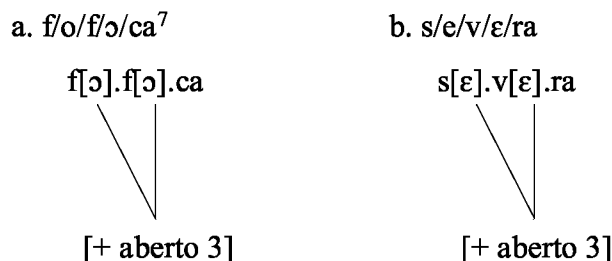
As vogais médias pretônicas podem sofrer inúmeras regras de variação que desencadeiam alternâncias nessa posição, resultando em três formas, quais sejam: médias altas [e] e [o], médias baixas [ɛ] e [ɔ] e altas [i] e [u].

Quando esses segmentos se realizam com um timbre um pouco mais fechado, [e] e [o], assumimos que há a manutenção, já que, conforme referido na seção anterior, estas são as formas mais comuns utilizadas pelos falantes brasileiros. Essas vogais também podem realizar-se com um timbre mais aberto, como [ɛ] e [ɔ]. Isso ocorre quando as vogais sofrem a regra de abaixamento, como, por exemplo, as palavras *r/e/lógio* e *m/o/rava*, que podem ser realizadas como *r[ɛ]lógio* e *m[ɔ]rava*. Outra forma de realização das pretônicas se dá por meio da regra de alçamento, por exemplo, quando as vogais /e/ e /o/ passam a ser realizadas como [i] e [u], respectivamente, como nas palavras *m/e/nino* e *m/o/leque*, que podem ser realizadas como *m[i]nino* e *m[u]leque*.

Alguns fenômenos como a harmonia vocálica, a assimilação e a neutralização podem favorecer a variação das vogais médias pretônicas. Para Viana (2008, p. 27), a harmonia vocálica “[...] refere-se à assimilação das vogais médias pretônicas à altura da vogal da sílaba tônica imediatamente seguinte tônica”. Então, a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal tônica e, ao se harmonizarem, ficam com traços idênticos.

Para que essa harmonização aconteça, entra em cena o fenômeno da assimilação, ou seja, quando uma vogal assimila um traço de outra vogal e ambas passam a compartilhar características semelhantes ou idênticas, como ilustrado abaixo:

(3)



Em (3), a assimilação ocorre por meio do espriamento do traço de abertura [+ aberto 3] da vogal média baixa tônica para a vogal média alta pretônica, que assume os mesmos traços

⁷ Os exemplos em (3) foram retirados do *corpus* desta pesquisa.

da vogal tônica. Clements (1989a)⁸ utilizou o traço [aberto] para caracterizar a altura das vogais e, para diferenciá-las, usou os sinais + e –.

Outro fenômeno que pode ocorrer com as vogais médias pretônicas é a neutralização. A neutralização ocorre quando a vogal perde um dos traços e, posteriormente, surge um novo traço no lugar do que foi perdido. Como exemplos de neutralização na sílaba pretônica, baseamo-nos nos casos citados por Battisti e Vieira (2010, p. 167):

(4)

a. caf[ɛ] – caf[e]teira

b. s[ɔ]l – s[o]laço

c. b[ɛ]lo – b[e]leza

Nos exemplos em (4), as autoras mostram a ocorrência da neutralização nas palavras derivadas da forma primitiva. Assim, na forma primitiva, as palavras são realizadas com [ɛ] e com [ɔ] na sílaba tônica, mas, ao ocorrer a derivação, as vogais se neutralizam, fazendo com que as vogais médias altas assumam o lugar das vogais médias baixas.

Nas seções posteriores, apresentamos alguns estudos que abordaram a variação das vogais médias pretônicas em diferentes regiões do Brasil.

2.3 Revisão de Literatura

Para o desenvolvimento deste estudo sobre a variação das vogais médias pretônicas na cidade de Uberlândia-MG, retomamos outros trabalhos de investigação cujo foco fora também a realização variável desses segmentos em diferentes cenários geográficos.

Da região Centro Oeste, selecionamos a pesquisa de Graebin (2008) sobre a pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de Formosa-GO. Da região Nordeste, selecionamos o estudo de Silva (2009), que pesquisou as vogais pretônicas no falar teresinense, embora não trate exclusivamente do abaixamento variável. Da região Norte do Brasil, selecionamos a pesquisa de Fagundes (2015), que tratou do abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém do Pará.

Na região Sudeste, as pesquisas selecionadas foram: a de Rezende (2013), cujo tema foi o processo variável do abaixamento das vogais pretônicas no município de Monte Carmelo-

⁸ A Geometria de Traços não foi utilizada neste estudo, mas referimo-nos a essa teoria para explicar a assimilação. Por isso, os exemplos citados são sucintos. Para saber mais sobre a teoria, consultar Clements e Hume (1995).

MG; e a de Viana (2008), que estudou o abaixamento e o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Pará de Minas-MG. Da região Sul, trazemos a tese de Bisol (1981) sobre o processo de harmonia vocálica das vogais médias do falar gaúcho. A autora não tinha o abaixamento como objeto de estudo, mas, ainda hoje, é uma referência importante para muitas pesquisas que tratam das vogais.

Na seção seguinte, discorreremos detalhadamente sobre cada um desses estudos.

2.3.1 A pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de Formosa-GO

O estudo de Graebin (2008) teve como objetivo descrever a realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica na cidade de Formosa, no estado de Goiás. A autora pesquisou o abaixamento, a manutenção e o alçamento nessas vogais⁹. Como *corpus* de pesquisa, Graebin (2008) utilizou dados de fala de quatorze participantes, que foram estratificados de acordo com três variáveis extralinguísticas, a saber: sexo, classe socioeconômica e nível de escolaridade.

Outro critério selecionado foi o contato que os habitantes de Formosa mantinham com a cidade de Brasília. Esse critério justifica-se pela distância entre Formosa e a capital federal ser curta, cerca de oitenta quilômetros, de modo que muitos moradores vão até Brasília com regularidade em busca de emprego e demais serviços prestados na cidade. A seguir, apresentamos um quadro para mostrar como foi feita a estratificação dos participantes de Formosa-GO.

Contato com Brasília	Sexo	Classe socioeconômica	Nível de escolaridade
Diário 7	Feminino 7	Alta 3	Até 8 anos 3
Esporádico 7	Masculino 7	Média 8	De 8 a 11 anos 4
		Baixa 3	Acima de 11 anos 7

Quadro 1 - Distribuição dos números de participantes nos grupos de fatores sociais

Fonte: Graebin (2008, p. 109)

Após a estratificação dos dados de fala, a pesquisadora rodou os dados no programa estatístico *GoldVarb X*. Para a rodada dos dados, Graebin (2008) controlou os seguintes fatores

⁹ Nesta subseção, descrevemos somente os dados relacionados à regra de abaixamento, que é o tema desta dissertação.

linguísticos: zona de articulação da variável dependente (grupo de controle), vogal da sílaba seguinte, segmento precedente, segmento seguinte e acento secundário.

A respeito da **variável vogal seguinte**, a nasalidade favoreceu a aplicação da regra de abaixamento tanto para /e/ quanto para /o/, na sílaba pretônica, como em: (ex.: diferente, morando)¹⁰. Nesse mesmo contexto, a vogal oral favoreceu o abaixamento das vogais médias altas (ex.: detesto, começa), porém, quando a vogal seguinte à pretônica era /a/, esse contexto favoreceu somente o abaixamento da vogal /o/ (ex.: afogada).

Quanto à **variável segmento seguinte**, a vogal /o/ foi mantida quando seguida por uma vogal alta (ex.: procura) e a regra foi aplicada quando seguida pela glotal /h/. Já a vogal /e/, com relação ao segmento seguinte, se manteve com o traço [- alto], diante de consoantes labiais e labiodentais, sendo realizada como [ɛ] quando seguida pela consoante glotal /h/.

Ao se tratar da **variável segmento precedente**, o abaixamento da vogal média /e/ ocorreu quando essa vogal foi precedida por consoantes pós-alveolares (ex.: Jesus), pela velar /k/ (ex.: querendo) e pela glotal /h/ (ex.: recurso). Nesse mesmo contexto, para a vogal /e/, as consoantes palatais (ex.: folhetinho) foram as principais desfavorecedoras da regra de abaixamento. Na **variável acento secundário**, a regra de abaixamento foi favorecida quando a vogal pretônica estava a três (ex.: mercadoria) ou a duas sílabas antes da vogal tônica (ex.: misericórdia).

Por fim, sobre as **variáveis extralinguísticas**, a **variável classe econômica** mostrou-se favorecedora para o abaixamento de /e/ e de /o/. A **classe alta** favoreceu a manutenção das vogais médias altas, enquanto, na **classe baixa**, a regra se aplicou somente para /e/. A **variável nível de escolaridade** mostrou que os participantes com mais anos de estudo tendem a realizar o /o/ mais fechado. Os participantes com onze e com até onze anos de estudo favoreceram mais o abaixamento da vogal /o/.

Quanto ao fator **sexo**, as mulheres tendem a aplicar a regra para /e/, enquanto os homens mantiveram a vogal /o/. O contato com Brasília não foi relevante para a aplicação da regra de abaixamento, pois os resultados de Graebin (2008) mostraram que o abaixamento é um processo variável no falar de Formosa-GO.

¹⁰ Todos os exemplos citados nesta subseção foram retirados do *corpus* de pesquisa de Graebin (2008, p. 115-212).

2.3.2 As pretônicas no falar teresinense

O ponto central da pesquisa de Silva (2009) foi analisar e descrever a variação das vogais médias pretônicas no falar de Teresina, capital do estado do Piauí. Para a constituição do *corpus* de pesquisa, a autora selecionou 36 participantes que foram estratificados de acordo com o gênero (masculino e feminino), faixa etária (entre 20 e 35 anos de idade; entre 36 e 50 anos e acima de 50 anos de idade) e escolaridade (com Ensino Fundamental; com Ensino Médio e com Ensino Superior).

Nesse estudo, Silva (2009) descreveu as vogais médias pretônicas no falar teresinense com três possíveis formas de realização, a saber: com as vogais médias altas [e] e [o]; com as vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] e com as vogais altas [i] e [u]. Porém, como o nosso foco é o abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, apresentamos somente os resultados referentes à realização de [ɛ] e de [ɔ] obtidos pela autora.

Para a realização desse estudo, Silva (2009) rodou os dados no programa de análise estatística *Varbrul 2S*, que apresentou 3.219 ocorrências para a vogal /e/ pretônica, sendo que, em 2.079 ocorrências, as vogais foram realizadas como [ɛ]. Para a vogal /o/, a autora teve 2.089 ocorrências, sendo 1.076 com a realização da vogal média baixa [ɔ]. As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa foram:

- para a realização da vogal média baixa [ɛ] pretônica: vogal contígua; contexto fonológico precedente à vogal pretônica; paradigma; contexto fonológico seguinte à vogal pretônica; faixa etária; escolaridade; homorganicidade.
- para a realização da vogal média baixa [ɔ] pretônica: vogal contígua; contexto fonológico precedente à vogal pretônica; contexto fonológico seguinte à vogal pretônica; paradigma; escolaridade; faixa etária; gênero.

Em relação à **variável vogal contígua**, a pesquisadora verificou que a regra de abaixamento de /e/ e de /o/ foi favorecida quando essas vogais eram seguidas pela vogal tônica baixa (ex.: melancia, jogaram)¹¹ na sílaba seguinte. Além disso, a regra de abaixamento também ocorreu quando a vogal tônica era uma média baixa (ex.: fervorosa, comércio). A **variável paradigma** se manteve em posição neutra para as duas vogais médias analisadas. Assim, essa variável não favoreceu nem desfavoreceu a aplicação da regra de abaixamento.

¹¹ Os exemplos desta subseção pertencem ao *corpus* de estudo de Silva (2009, p. 126-207).

Sobre a **variável contexto fonológico precedente à vogal pretônica**, os dados coletados pela autora mostraram que as consoantes velares (ex.: retratar) e a posição inicial absoluta (ex.: #elétrico) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento referente à vogal média pretônica /e/. Para o abaixamento de /o/, os contextos que favoreceram a aplicação da regra foram as consoantes coronais (ex.: novela), palatais (ex.: jornal) e a posição inicial absoluta (ex.: #oleosa).

Já a **variável contexto fonológico seguinte à vogal pretônica**, os resultados mostraram que as consoantes velares (ex.: topografia) favoreceram a regra somente para a vogal /o/. Para a vogal /e/, as velares (ex.: liberdade) e as palatais (ex.: melhoria) seguintes favoreceram a aplicação da regra. A **variável homorganicidade** se manteve próxima do ponto neutro para as duas vogais pesquisadas e, por isso, não foi considerada relevante para o estudo da autora.

Com relação às variáveis extralinguísticas, a **variável faixa etária** favoreceu a aplicação da regra para as duas vogais analisadas. Os resultados revelaram que o grupo de participantes mais jovens, ou seja, entre 20 e 35 anos de idade, teve poucas ocorrências com a aplicação da regra de abaixamento. Esse comportamento diferenciou esse grupo das demais faixas etárias nas quais a regra se aplicou, mas, apesar de o abaixamento ter ocorrido nos outros grupos, entre todos os fatores, essa discrepância foi pequena.

No que se refere à **variável escolaridade**, embora os índices tenham ficado próximos do ponto neutro para as duas vogais analisadas, os participantes com Ensino Médio foram os que mais aplicaram a regra de abaixamento, comparando com os participantes que tinham Ensino Fundamental e Ensino Superior. A **variável gênero** foi selecionada pelo programa de análise estatística somente para a vogal /o/, revelando que as mulheres tiveram uma diferença mínima em relação aos homens, mas foram as que mais aplicaram a regra de abaixamento.

Por fim, Silva (2009) conclui que, no dialeto de Teresina-PI, há três formas de realização para as vogais médias na posição pretônica, a saber: como médias altas, médias baixas e altas. Além disso, segundo a autora, a variação dessas vogais ocorre por meio do processo de harmonia vocálica.

2.3.3 O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA

O estudo de Fagundes (2015) tinha como objetivo analisar o abaixamento das vogais médias pretônicas na cidade de Belém do Pará. Para a realização da pesquisa, a autora utilizou como *corpus* a fala de dezoito informantes, totalizando 330 minutos e 73 segundos de gravação. Para a estratificação dos participantes, Fagundes (2015) baseou-se nos pressupostos teóricos de

Labov (1972) e de Bortoni-Ricardo (1985). Assim, foram selecionados doze participantes migrantes maranhenses, sendo seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, na faixa etária de cinquenta anos de idade. Fagundes (2015, p. 51) justifica que a escolha dos migrantes maranhenses “[...] deve-se ao fato de serem, dentre os migrantes que residem no município de Belém, os de maior contingente”. Além do grupo de migrantes, a autora selecionou mais seis informantes naturais de Belém do Pará, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, todos com idade entre 20 e 30 anos.

As variáveis linguísticas controladas por Fagundes (2015) foram: altura da vogal tônica, grau de recuo da tônica, grau de nasalidade da tônica, posição pretônica no vocábulo, vogal contígua, distância relativa à sílaba tônica, segmento precedente, segmento seguinte e tipo de rima. As variáveis extralinguísticas selecionadas foram: sexo (masculino e feminino), escolaridade (superior e não superior); grupo de amostra (grupo de ancoragem e grupo de controle)¹².

Para o tratamento dos dados, Fagundes (2015) utilizou dois programas: o *Praat*, para a seleção dos dados, e o *GoldVarb X*, para a análise estatística dos percentuais de aplicação da regra em foco. Desse modo, os resultados mostraram que a variante manutenção foi predominante, sendo 40,7% para a vogal média [e] e 43,5% para a vogal média [o]¹³. Para a realização da vogal [ɛ], a porcentagem foi de 35,5% e, para a vogal [ɔ], de 40,4%, o que leva ao entendimento de que há certa preferência pelas vogais médias altas no dialeto de Belém do Pará.

Assim, as variáveis selecionadas para a realização de [ɛ] foram: altura da vogal tônica; grau de recuo da tônica; grau de nasalidade da tônica; vogal contígua; distância relativa à sílaba tônica; segmento precedente; segmento seguinte; tipo de rima; sexo do informante e grupo de amostra. Para a realização de [ɔ] foram selecionadas as seguintes variáveis: natureza da vogal tônica; grau de recuo da tônica; grau de nasalidade da tônica; vogal contígua; distância relativa à sílaba tônica; segmento precedente; segmento seguinte; tipo de rima e grupo de amostra.

No estudo de Fagundes (2015), as variáveis e os fatores selecionados pelo *GoldVarb X* para a realização da vogal média baixa [ɛ] mostraram os seguintes resultados:

¹² Grupo de ancoragem refere-se aos migrantes maranhenses e o grupo de controle refere-se aos participantes naturais de Belém do Pará.

¹³ A autora também apresenta os dados referentes ao abaixamento, porém, como esta dissertação tem como foco de estudo o abaixamento, tivemos como critério fazer referência somente aos dados que vamos relacionar com os desta pesquisa.

a. Altura da vogal tônica

Os resultados mostraram que as vogais médias altas (ex.: residente; temeroso)¹⁴ e as vogais médias baixas tônicas (ex.: negócio) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento. As vogais altas (ex.: feliz; estudo) desfavoreceram o abaixamento.

b. Grau de recuo da tônica

Os resultados dessa variável mostraram que as vogais tônicas anteriores /i, e, ε/ (ex.: feliz, residente) foram as que favoreceram a aplicação da regra de abaixamento. Já as vogais médias posteriores /o, ɔ, u/ (ex.: sacerdote) desfavoreceram a aplicação da regra. A vogal baixa /a/ (ex.: levar) permaneceu no ponto neutro, por isso, não apresentou resultados relevantes.

c. Grau de nasalidade da tônica

Essa variável mostrou os seguintes resultados: a vogal tônica nasal (ex.: pressão) favoreceu a ocorrência do abaixamento, mas a vogal tônica oral (ex.: mergulho) e a vogal tônica nasalizável (ex.: semana) desfavoreceram a aplicação da regra.

d. Vogal contígua

Os dados mostraram que a vogal aberta imediata /a, ε, ɔ/ (ex.: telegrama) e a vogal gatilho não imediata /a, ε, ɔ/ (ex.: recuperação) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento, porém, o fator sem a vogal gatilho /i, e, o, u/ (ex.: estudo) desfavoreceu a aplicação da regra.

e. Distância relativa à sílaba tônica

A autora verificou que a distância dois (telegrama) e a distância um (evangélica) favoreceram a ocorrência do abaixamento. A distância n → igual ou acima de três sílabas (ex.: relativamente) desfavoreceu a aplicação da regra.

f. Segmento precedente

Essa variável apresentou como fatores favorecedores da aplicação da regra de abaixamento: as consoantes labiais (ex.: perssoal, mestrado) e as consoantes dorsais (ex.: relação). As consoantes coronais (ex.: setenta) e o segmento vazio (ex.: #estudo) mostraram-se desfavorecedores da ocorrência do abaixamento.

¹⁴ Os exemplos foram retirados do *corpus* de pesquisa de Fagundes (2015, p. 71-102).

g. Segmento seguinte

Essa variável selecionou os mesmos fatores da variável segmento precedente como favorecedores para a aplicação da regra, quais sejam: as consoantes labiais (ex.: cebola) e as dorsais (ex.: certeza). Já os fatores vogal baixa seguinte (ex.: realidade) e as consoantes coronais (ex.: gestante), apesar de terem sido selecionadas pelo programa estatístico, tiveram um peso relativo baixo e, por essa razão, não foram consideradas relevantes para a aplicação da regra.

h. Tipo de rima

Os resultados dessa variável mostraram que a sílaba CV¹⁵ (ex.: perigoso) juntamente com a sílaba CVC (ex.: verdadeira) favoreceram o abaixamento. Já a sílaba CVV (ex.: feijão) apresentou uma porcentagem muito baixa, de modo que, esse fator, mesmo selecionado, não foi relevante para a aplicação da regra.

i. Variável extralinguística: sexo do participante

Essa variável mostrou que os informantes do sexo masculino realizaram mais a vogal média baixa [ɛ] na sílaba pretônica do que os do sexo feminino.

j. Variável extralinguística: grupo de amostra

Os dados mostraram que o grupo Ancoragem (migrantes) favoreceu a aplicação da regra de abaixamento. Em contrapartida, o grupo controle (participantes naturais de Belém do Pará) mostrou-se desfavorecedor da aplicação da regra.

Para a aplicação da regra de abaixamento da vogal média pretônica /o/, os contextos selecionados mostraram os seguintes resultados:

k. Natureza da vogal tônica

Nessa variável, as principais favorecedoras da regra de abaixamento foram as vogais médias baixas (ex.: colégio), a vogal baixa (ex.: formado) e as vogais médias altas tônicas (ex.: problema). Porém, as vogais altas (ex.: solução) desfavoreceram a aplicação da regra de abaixamento.

¹⁵ A letra C significa consoante e V significa vogal.

l. Grau de recuo da tônica

Para essa variável, as vogais tônicas anteriores /i, e, ε/ foram as principais favorecedoras do abaixamento, como na palavra: problema. Em contrapartida, as vogais posteriores /o, ɔ, u/ (ex.: soluço) e a vogal central /a/ (ex.: formado) desfavoreceram a aplicação da regra.

m. Grau de nasalidade da tônica

Os resultados dessa variável dependente mostraram que as vogais nasais (ex.: coração) e as vogais nasalizáveis (ex.: novena) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento, mas as vogais orais (ex.: organizado) mostraram-se desfavorecedoras para o abaixamento ocorrer.

n. Vogal contígua

Para essa variável, os resultados mostraram que as vogais abertas imediatas /a, ε, ɔ/ (ex.: colocar) favoreceram o abaixamento, porém, a vogal gatilho não imediata /a, ε, ɔ/ (ex.: solenidade) e o fator sem vogal gatilho /i, e, o, u/ (ex.: novinhos) desfavoreceram a aplicação da regra. Sendo assim, a vogal pretônica analisada pode ser a mesma, ou seja, ambas médias baixas [ε] ou [ɔ] ou ambas médias altas [e] e [o], tendo em vista que é a posição das vogais tônicas que vai determinar a ocorrência do abaixamento.

o. Distância relativa à sílaba tônica

Os resultados mostraram que a distância um (ex.: colégio) foi a única favorecedora da aplicação da regra de abaixamento. Já a distância dois (ex.: profissão) e a distância n → igual ou acima de três sílabas (ex.: solenidade) foram selecionadas como desfavorecedoras da aplicação da regra.

p. Segmento precedente

Para essa variável, os fatores favorecedores do abaixamento foram: o *onset* vazio (ex.: #operar) e as consoantes coronais precedentes (ex.: profissão). As consoantes labiais (ex.: momento) e as dorsais (ex.: gostando) desfavoreceram a aplicação da regra.

q. Segmento seguinte

Os dados mostraram que as consoantes dorsais (ex.: nordeste) foram as únicas favorecedoras da aplicação da regra de abaixamento. As consoantes labiais (ex.: tomografia) e as vogais (ex.: razoavelmente) mostraram-se desfavorecedoras da

aplicação da regra. Já as consoantes coronais (ex.: pensionato) não tiveram resultados relevantes, por terem apresentado um peso relativo próximo ao ponto neutro.

r. Tipo de rima

Para essa variável, os resultados mostraram que o fator CV (ex.: tomografia) favoreceu a aplicação da regra de abaixamento. Já os fatores CVC (ex.: formato) e CVV (ex.: goiana) desfavoreceram a aplicação da regra.

s. Variável extralinguística: grupo de amostra

Os dados mostraram que o grupo Ancoragem (migrantes) favoreceu a aplicação da regra de abaixamento, divergindo, assim, do grupo Controle (participantes naturais de Belém do Pará) que desfavoreceu a ocorrência do abaixamento.

Com relação às vogais médias, Fagundes (2015) concluiu que o sistema vocálico pretônico de Belém do Pará é composto por cinco vogais, quais sejam: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, com predomínio das vogais médias altas /e/ e /o/ na sílaba pretônica. Em determinados contextos ocorre a variação, fazendo com que também haja a realização das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] pretônicas.

2.3.4 O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG

O trabalho de Rezende (2013) foi de suma importância para esta pesquisa, pois a autora teve como foco o mesmo tema desta dissertação, o que nos permite comparar os nossos resultados com os obtidos pela pesquisadora. O principal objetivo do estudo de Rezende (2013) foi descrever e analisar o abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ na sílaba pretônica no dialeto de Monte Carmelo-MG, em palavras como: r[ɛ]médio para r/e/médio e n[ɔ]vela para n/o/vela. Para a base teórica, a autora baseou-se no modelo da Geometria de Traços, proposto por Clements (1985, 1989, 1991) e revisto por Clements e Hume (1995). Já a metodologia seguiu os preceitos da Teoria da Variação, proposta por Labov (2008). Para a constituição do *corpus*, Rezende (2013) entrevistou 24 pessoas nascidas no município mineiro e que foram selecionadas estratificadamente, de acordo com as três variáveis extralinguísticas consideradas no estudo, a saber: sexo (masculino e feminino); faixa etária (entre 15 e 25 anos, entre 26 e 49 anos e acima de 49 anos de idade) e grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo).

As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: modo de articulação do contexto precedente; ponto de articulação do contexto precedente; modo de articulação do contexto seguinte; ponto de articulação do contexto seguinte; altura da vogal da sílaba tônica; posição articulatória da vogal da sílaba tônica; qualidade da vogal da sílaba tônica; distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica; distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra; tipo de sílaba pretônica e item lexical.

Após a transcrição ortográfica de todas as entrevistas, todos os dados referentes à manutenção e ao abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ em posição pretônica foram selecionados e codificados para, enfim, serem submetidos ao pacote de programas *GoldVarb X*. As rodadas no programa estatístico resultaram em um total de 6.963 ocorrências de /e/ e de /o/ na sílaba pretônica, sendo 635 com a realização de [ɛ] e 402 com a realização de [ɔ] nessa posição de sílaba.

Os resultados obtidos por Rezende (2013) mostraram que o abaixamento das vogais /e/ e /o/, em posição pretônica, se dá pela regra de harmonia vocálica por meio da assimilação do traço [+ aberto 3]. Esse traço é engatilhado pela vogal média baixa /ɛ/ ou /ɔ/ da sílaba tônica. Segundo a pesquisadora, o modelo da Geometria de Traços¹⁶ permite a visualização do processo ocorrendo através do espriamento ou da assimilação de traços de um segmento por um segmento vizinho.

No estudo de Rezende (2013)¹⁷, as variáveis e os fatores selecionados pelo *GoldVarb X* foram:

a. Contexto precedente à vogal pretônica (modo de articulação)

Vogal /e/ - as consoantes líquidas (ex.: religião)¹⁸ favoreceram a aplicação da regra; a pausa (ex.: #eterna) e as consoantes fricativas (ex.: jesus) desfavoreceram.

Vogal /o/ - as consoantes nasais (ex.: morar) e a pausa (ex.: #opção) favoreceram a aplicação da regra, mas as consoantes fricativas (ex.: formação) desfavoreceram.

b. Contexto precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogal /e/ - essa variável não foi selecionada pelo *GoldVarb X*.

Vogal /o/ - as consoantes pós-alveolares (ex.: jornal), as palatais (ex.: melhorar) e as labiodentais (ex.: formar) favoreceram, já as consoantes velares (ex.: coluna) e as labiais (ex.: população) desfavoreceram.

¹⁶ Para maiores detalhes sobre a aplicação desse modelo teórico nos dados, consultar o trabalho da autora.

¹⁷ Os resultados apresentados nesta subseção foram retirados da dissertação de Rezende (2013, p. 114-116).

¹⁸ Todos os exemplos desta subseção são de Rezende (2013).

c. Contexto seguinte à vogal pretônica (modo de articulação)

Vogal /e/ - as consoantes nasais (ex.: enorme), as líquidas (ex.: inteligente) e o tepe (ex.: diferente) favoreceram; as consoantes africadas (ex.: coletivo) e as fricativas (ex.: resposta) desfavoreceram.

Vogal /o/ - o tepe (ex.: coração) e as consoantes líquidas (ex.: morrer) favoreceram; as consoantes nasais (ex.: momento) desfavoreceram.

d. Contexto seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogais /e/ e /o/ - essa variável não foi selecionada pelo *GoldVarb X* para nenhuma das duas vogais pesquisadas.

e. Altura da vogal da sílaba tônica

Vogais /e/ e /o/ - para ambas as vogais, as vogais médias baixas tônicas (ex.: dezenove; novela) favoreceram. As vogais médias altas tônicas (ex.: certeza; poder) desfavoreceram a aplicação da regra para as duas vogais pesquisadas.

f. Qualidade da vogal da sílaba tônica

Vogais /e/ e /o/ - para as duas vogais analisadas, as vogais nasais tônicas (ex.: cerâmica; profissão) favoreceram a aplicação da regra, mas as vogais orais tônicas (ex.: errado; colega) desfavoreceram.

g. Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica

Vogal /e/ - a distância zero (ex.: declínio) favoreceu a aplicação da regra, enquanto a distância de duas sílabas (ex.: executivo) desfavoreceu.

Vogal /o/ - a distância zero (ex.: coragem) favoreceu a aplicação da regra e as distâncias de duas (ex.: horrorizada) ou de mais de duas sílabas (ex.: oportunidade) desfavoreceram.

h. Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra

Vogais /e/ e /o/ - essa variável não foi selecionada pelo *GoldVarb X* para nenhuma das vogais em análise.

i. Tipo de sílaba pretônica

Vogais /e/ e /o/ - as sílabas pesadas (ex.: verdade; normal) favoreceram a aplicação da regra e as sílabas leves (ex.: medicina; procurar) desfavoreceram.

j. Item lexical

Vogal /e/ - os adjetivos (ex.: legal) favoreceram a aplicação da regra, mas os advérbios (ex.: depois) desfavoreceram.

Vogal /o/ - essa variável não foi selecionada pelo *GoldVarb X*.

k. Sexo

Vogais /e/ e /o/ - para ambas as vogais pesquisadas, os informantes do sexo masculino favoreceram a aplicação da regra e os do sexo feminino desfavoreceram.

l. Faixa etária

Vogais /e/ e /o/ - os participantes com mais de 49 anos de idade favoreceram, já os informantes entre 15 e 25 anos de idade desfavoreceram a aplicação da regra para as duas vogais analisadas.

m. Escolaridade

Vogais /e/ e /o/ - os informantes entre 0 e 11 anos de estudo favoreceram, mas o grupo com mais de 11 anos de estudo desfavoreceu a aplicação da regra tanto para /e/ quanto para /o/.

Por fim, cumprindo um dos objetivos específicos traçados por Rezende (2013), a autora verificou que, com relação às vogais médias, o sistema vocálico pretônico de Monte Carmelo-MG é constituído por cinco vogais, quais sejam: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, em que /e/ e /o/ variam, em determinados contextos, para [ɛ] e para [ɔ], respectivamente.

2.3.5 As vogais médias pretônicas em Pará de Minas

Viana (2008) pesquisou sobre o alçamento, o abaixamento e a manutenção das vogais médias pretônicas na cidade de Pará de Minas, situada no estado de Minas Gerais. Para a constituição do *corpus*, a autora entrevistou 33 participantes que foram estratificados de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas: **sexo** (masculino, com 17 participantes, e feminino, com 16 participantes); **faixa etária** (até 25 anos, entre 30 anos e acima de 60 anos de idade);

classe social (classe baixa e classe média); **escolaridade** (analfabeto, com ensino médio e com ensino superior). Outra variável selecionada pela autora foi o **estilo de fala** (formal e informal).

Para a análise dos dados, Viana (2008) utilizou o programa de análise estatística *GoldVarb 2006* e verificou que, para as vogais médias, o maior número de ocorrências foi com a manutenção de [e] e de [o], seguido pela realização de [i] e de [u]. O abaixamento apresentou um número baixo de ocorrências. Apesar de a autora analisar o alçamento também, não entramos em detalhes sobre esse processo, pois, como o alvo desta pesquisa é o abaixamento variável, os resultados referentes ao alçamento não poderiam ser relacionados com os obtidos nesta dissertação.

Para o abaixamento de /e/, conforme Viana (2008), as variáveis selecionadas foram: atonicidade; altura da vogal tônica; distância da vogal tônica; contexto precedente; contexto seguinte; indivíduo; escolaridade; posição da vogal tônica; altura da vogal tônica; nasalidade da vogal tônica; modo de articulação do contexto precedente; estado da glote do contexto precedente; estado da glote do contexto seguinte; modo de articulação do contexto seguinte; classe de palavras. Para a vogal /o/, as variáveis selecionadas foram: indivíduo, sexo, faixa etária, estilo.

Desse modo, as variáveis selecionadas para /e/ apresentaram os seguintes resultados:

a. Atonicidade

Essa variável favoreceu o abaixamento para as átonas permanentes (ex.: pé)¹⁹ e desfavoreceu para os verbos (ex.: chegava).

b. Altura da vogal tônica

Essa variável foi selecionada, mas, como os resultados estavam próximos do ponto neutro (= 0,50), não foi considerada relevante para a aplicação da regra.

c. Distância da vogal tônica

A distância 1 (ex.: centenário) favoreceu, enquanto a distância 2 (ex.: centenário) desfavoreceu a ocorrência do abaixamento.

d. Contexto precedente (ponto 1)

As consoantes posteriores (ex.: geralmente) favoreceram a aplicação da regra, mas as consoantes anteriores (ex.: semana) desfavoreceram.

¹⁹ Os exemplos dessa subseção foram retirados de Viana (2008, p. 49-55).

e. Contexto seguinte

Ponto 1 - Viana (2008) separou os segmentos deste ponto como consoantes anteriores seguintes e posteriores seguintes.

As consoantes anteriores seguintes (ex.: pedal) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento, já as consoantes seguintes (ex.: serrana) desfavoreceram.

Ponto 2 - Os dados mostraram que as consoantes não coronais seguintes (ex.: Ferreira) favoreceram a aplicação da regra, porém, as consoantes coronais (ex.: dezenove) desfavoreceram.

As variáveis extralinguísticas selecionadas para a vogal /e/ foram:

f. Indivíduo

Sobre os participantes da pesquisa, doze não realizaram [ɛ] em nenhum momento na sílaba pretônica, mas outros 21 participantes, em algum momento, aplicaram o abaixamento de /e/ em suas falas.

g. Escolaridade

Os analfabetos foram os que mais aplicaram a regra de abaixamento.

Para o abaixamento de /o/, os contextos selecionados foram:

h. Posição da vogal tônica

Tanto as vogais posteriores (ex.: procura) quanto as vogais anteriores (ex.: biblioteca) favoreceram a aplicação da regra. A vogal que não favoreceu a aplicação da regra de abaixamento foi a vogal central (ex.: namorada).

i. Altura da vogal tônica

A vogal tônica baixa (ex.: namorada) favoreceu a ocorrência do abaixamento, porém, as vogais tônicas médias altas e médias baixas (ex.: colega) não favoreceram a aplicação da regra.

j. Nasalidade da vogal tônica

As vogais tônicas nasais (ex.: Rosana) favoreceram, já as vogais tônicas orais (ex.: namorar) desfavoreceram.

k. Modo de articulação do contexto precedente

As consoantes nasais (ex.: remoção), as consoantes fricativas (ex.: solidão) e as laterais (ex.: psicologia) favoreceram a ocorrência do abaixamento. Os fatores desfavorecedores foram a pausa (ex.: #horizonte) e o tepe (ex.: procura).

l. Estado da glote do contexto precedente

Nessa variável, a pausa (ex.: #horizonte) favoreceu, mas a glote sonora (ex.: gostar) desfavoreceu a aplicação da regra.

m. Modo de articulação do contexto seguinte

Para essa variável, as consoantes laterais (ex.: adolescência) e as fricativas (ex.: gostei) favoreceram a aplicação da regra de abaixamento, mas as consoantes oclusivas (ex.: troçar) e o tepe (ex.: horizonte) desfavoreceram a aplicação da regra.

n. Estado da glote do contexto seguinte

A glote sonora (ex.: psicologia) favoreceu a aplicação da regra, mas a glote surda (ex.: professor) desfavoreceu.

o. Classe de palavras

A regra se aplicou em nomes (ex.: solidão) e foi desfavorecida em verbos (ex.: conversar). Para a vogal /o/, as variáveis extralinguísticas selecionadas foram:

p. Indivíduo

A respeito desta variável, 27 participantes aplicaram a regra de abaixamento e somente seis não tiveram nenhuma ocorrência do abaixamento de /o/ em posição pretônica.

q. Sexo

Os dados mostraram que as mulheres tiveram mais ocorrências de [ɔ] na sílaba pretônica do que os homens.

r. Faixa etária

Os dados revelaram que os participantes com até 25 anos aplicaram a regra de abaixamento para /o/, enquanto os participantes com mais de 60 anos foram os que menos aplicaram a regra.

s. Estilo

De acordo com os dados, a pesquisadora verificou que o abaixamento ocorreu mais na fala formal do que na informal.

Viana (2008) concluiu que os falantes de Pará de Minas-MG apresentam variação no sistema vocálico pretônico, podendo, então, realizar as vogais médias de três formas: alçadas [i] e [u], mantidas [e] e [o] ou abaixadas [ɛ] e [ɔ].

2.3.6 A harmonia vocálica, por Bisol (1981)

O ponto central de investigação no estudo de Bisol (1981) foi o fenômeno da harmonia vocálica (HV) nas vogais médias pretônicas no dialeto do Sul do país. Por se tratar de uma pesquisa de cunho quantitativo, a autora se propôs a analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas e, desse modo, descobrir quais variáveis favoreciam a ocorrência da harmonia vocálica por meio do alçamento de /e/ e de /o/ na sílaba pretônica (ex.: pepino ~ pipino; moleque ~ muleque).

Apesar de Bisol (1981) não ter estudado o abaixamento, seu trabalho tornou-se uma referência para muitos estudos sobre as vogais no território brasileiro, em virtude da descrição da regra de harmonia vocálica. Em seu trabalho, a autora aborda a harmonia a partir das vogais altas, mas esta mesma regra pode atuar a partir do traço de altura das vogais médias baixas, razão pela qual retomamos seu trabalho nesta seção.

Para analisar a harmonia vocálica, a pesquisadora baseou-se em um *corpus* de fala de 44 informantes, que eram descendentes de alemães, portugueses e italianos. A coleta de dados foi feita a partir da metodologia de Labov (1972). O estudo de Bisol (1981) teve como variável dependente a harmonia vocálica, ou seja, a variação de [e] e [o] para [i] e [u], respectivamente, como em: m[e]nino ~ m[i]nino, c[o]stura ~ c[u]stura.

Sobre as variáveis independentes linguísticas, a autora considerou: a nasalidade da vogal pretônica, a tonicidade, a distância da sílaba tônica em relação à pretônica, o paradigma, o contexto fonológico precedente à vogal pretônica e o contexto fonológico seguinte à vogal pretônica. As variáveis extralinguísticas selecionadas foram: etnia, sexo, situação e idade. Outros três fatores selecionados foram: atonicidade, sufixação, tonicidade e contiguidade. De acordo com as variáveis independentes, elencamos os principais resultados obtidos por Bisol (1981):

a. Nasalidade da vogal pretônica

Essa variável favoreceu a elevação de /e/ (ex.: m[i]ntira)²⁰, mas desfavoreceu a elevação de /o/ (ex.: comprar).

b. Tonicidade

- Vogais altas tônicas: somente a vogal alta (/i/) favoreceu o alçamento de /e/, como na palavra “m/e/nino” (ex.: m[i]nino). Para a elevação de /o/, as vogais altas (/i/, /u/) favoreceram o alçamento, como na palavra “c/o/ruja” (ex.: c[u]ruja).

- Vogais pretônicas: as vogais altas na posição tônica favoreceram a elevação de /e/ e de /o/, como em: p[e]rdigão e pr[o]cissão.

- Vogal contígua: somente a vogal /i/ favoreceu a harmonia vocálica para a vogal /e/. Já para a vogal /o/, as duas vogais altas /i, u/ favoreceram a aplicação da regra de harmonia vocálica. Desse modo, a autora também verificou que a vogal alta da sílaba seguinte a pretônica foi favorecedora da aplicação do alçamento em palavras como: precisão e veludo.

c. Distância entre a vogal tônica e a pretônica

Quanto mais distante a vogal pretônica estiver da sílaba tônica, menos favorável é a ocorrência da harmonia vocálica, tanto para /e/ quanto para /o/ (ex.: procuradoria).

d. Paradigma

De acordo com Bisol (1981), quando as palavras possuem base variável (ex.: vestir ~ vestir e vestuário), a regra se aplicou para as duas vogais médias /e/ e /o/.

e. Contexto fonológico precedente à vogal pretônica

As consoantes labiais (ex.: boneca) e as velares (ex.: conhaque) favoreceram a elevação de /o/, mas as consoantes alveolares (ex.: tortura) e as palatais (ex.: chocolate) preservaram a vogal média. Para a aplicação da regra, na vogal /e/, as consoantes labiais (ex.: ferida) e as velares (ex.: querido) modificaram a vogal anterior e a alveolar a preservou (ex.: negócio).

²⁰ Os exemplos referentes às variáveis são de Bisol (1981, p. 35-66).

f. Contexto fonológico seguinte à pretônica

As consoantes velares e as palatais favoreceram a elevação de /e/ (ex.: segunda, melhor), porém, as consoantes alveolares (ex.: pesado) e as labiais (ex.: semana) desfavoreceram a elevação da vogal /e/. Para a vogal pretônica /o/, as consoantes palatais (ex.: podia) e as labiais (ex.: tomate) favoreceram a aplicação da regra.

g. Variáveis extralinguísticas:

Etnia

Com base nos dados de Bisol (1981), os metropolitanos tiveram mais ocorrências de harmonia vocálica para as vogais /e/ e /o/, já os fronteiriços foram os que menos aplicaram a regra.

Sexo

A partir dos dados, o que se percebeu foi que os informantes do sexo feminino aplicaram mais a regra para as vogais /e/ e /o/ do que os informantes do sexo masculino.

Situação

Esse teste não favoreceu nenhuma das vogais analisadas, por se tratar somente de dois contextos: um com fala controlada e outro com fala livre.

h. Outros contextos selecionados:

Atonicidade

A pesquisadora verificou que as vogais átonas permanentes, quando acompanhadas das átonas causais, favoreceram a aplicação da regra de harmonia vocálica para /e/ e para /o/ (ex.: sotaque ~ sutaque; pequeno ~ piqueno).

Sufixação

A autora concluiu que os sufixos -zinho e -inho desfavoreceram a aplicação da regra para a vogal /o/, como em: flor → florzinha, porque, nesse caso, não houve o alçamento de /o/ para *flurzinha. Bisol (1981) verificou também que a regra de harmonia vocálica não é aplicada no prefixo de palavras, como em “predizer” que não ocorreu como *pridizer, ou seja, a regra também não se aplicou para a vogal /e/ pretônica.

Tonicidade e contiguidade

De acordo com Bisol (1981), a regra se aplicou com mais frequência para as vogais altas contínuas e tônicas (ex.: mentira; coruja).

A partir desses resultados, Bisol (1981) concluiu que tanto na fala culta quanto na popular ocorreu variação, mas, na fala culta, a frequência de variação foi menor do que na fala popular. Sobre a regra de harmonia vocálica, sua frequência foi maior quando havia uma vogal alta na sílaba seguinte ou uma vogal átona, que foram os principais contextos favorecedores para a aplicação da regra no dialeto do Sul do país.

No próximo capítulo, apresentamos a metodologia desta pesquisa, descrevemos como foi feita a seleção dos dados, das variáveis, a codificação e a rodada dos dados no programa estatístico.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a base metodológica desta pesquisa. Em primeira instância, descrevemos o contexto de realização deste estudo, sobre como foram selecionados os participantes e como as entrevistas foram gravadas, com base nos critérios da sociolinguística variacionista. Essas entrevistas fazem parte do *corpus* desta pesquisa e foram adquiridas por meio do banco de dados do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO), da Universidade Federal de Uberlândia.

Após a audição das entrevistas, os dados foram separados, codificados e submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa *GoldVarb X*. A partir das rodadas feitas com os dados, obtivemos os grupos de fatores que favoreceram e que desfavoreceram o abaixamento das vogais médias altas pretônicas no dialeto uberlandense. Portanto, neste capítulo, apresentamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para a realização deste estudo.

3.1 O Cenário Sócio-Histórico da Pesquisa

O processo de variação e mudança não pode ser compreendido fora do seio social de uma comunidade de fala. Isso porque a língua é uma forma de comportamento social e não é um atributo do indivíduo, mas da comunidade onde ele está inserido. Assim, para realizarmos essa pesquisa, selecionamos a comunidade de fala uberlandense, pois, além de ser uma cidade importante para o estado de Minas Gerais e com uma população significativa em quantidade de pessoas, não há nenhum estudo realizado sobre a regra de abaixamento nesta cidade, embora em Minas Gerais já tenham sido realizados alguns estudos sobre esse fenômeno, dentre eles: Dias (2008), Viana (2008), Lee e Oliveira (2008) e Rezende (2013). Portanto, este estudo é o primeiro realizado no município sobre o abaixamento das vogais médias altas pretônicas.

O município de Uberlândia-MG²¹ começou o seu povoamento em meados de 1810-1812. Até então, Uberlândia era conhecida como o antigo Sertão da Farinha Podre, efetivando-se como cidade somente no início do século XIX, pois, antes dessa data, era apenas um ponto de passagem de tropeiros e mineradores. Uberlândia pertenceu à Província de Goiás até meados de 1816 e, posteriormente, à Província de Minas Gerais. Com o intuito de promover a

²¹ Para escrever essa seção, nos baseamos no site <http://www.uberlandia.mg.gov.br/>, Acessado em: 24 jun. 2017.

colonização das terras situadas na região, o governo do estado de Minas Gerais iniciou uma campanha para intensificar a ocupação do Sertão da Farinha Podre, atual Uberlândia.

Desse modo, a constituição da cidade iniciou-se com a concessão das primeiras sesmarias, nas bacias dos rios Abelhas e Uberaba, conhecidos atualmente como Rio Uberabinha e Rio Araguari. Outro fator importante para a constituição desse município foi a vinda de algumas famílias que desejavam habitar a região, como a família dos Peixotos, a dos Pereira, a dos Carrijo, a dos Rezende e a dos Barbosa.



Figura 4 - Uberlândia nos primórdios da sua colonização

Fonte: Disponível em: <https://cordeirodefreitas.files.wordpress.com/2013/08/1871.jpg>,

Acessado em: 25 jun. 2017.

Desde a sua povoação, Uberlândia estabeleceu uma corrente imigratória quase contínua, em grande parte, composta de conhecidos ou parentes das famílias que habitavam a cidade. Entre os anos de 1940 e 1955, o município passou a ser a rota dos boiadeiros e, também, daqueles que seguiam rumo ao Distrito Federal, onde começava a ser construída a cidade de Brasília. Essa movimentação marcou a chegada de novos comerciantes e trabalhadores, passando a caracterizar a cidade como um forte centro comercial na região central do Brasil. A

partir desse momento, Uberlândia começou o seu desenvolvimento estrutural, social e econômico.

Uberlândia é um município que pertence à região do Triângulo Mineiro no estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste do Brasil. A cidade situa-se a oeste da capital do estado, Belo Horizonte, da qual está distante cerca de quinhentos quilômetros, e ocupa uma área de 4,1 mil quilômetros quadrados, sendo 135,3 quilômetros quadrados no perímetro urbano.

A emancipação de Uberlândia ocorreu no fim da década de 1880 e, atualmente, é a principal cidade do Triângulo Mineiro. Sua localização geográfica é privilegiada, pois é cortada por rodovias importantes que ligam a cidade aos grandes centros nacionais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília.

Os mapas, a seguir, mostram a localização de Uberlândia no Brasil e no estado de Minas Gerais.



Figura 5 - Mapa da localização de Uberlândia-MG no território brasileiro

Fonte: Disponível em: <http://www.granjamareleusa.com.br/noticias/novidades/segunda-materia-da-serie-de-conteudos-especial>,
Acessado em: 24 jun. 2017.

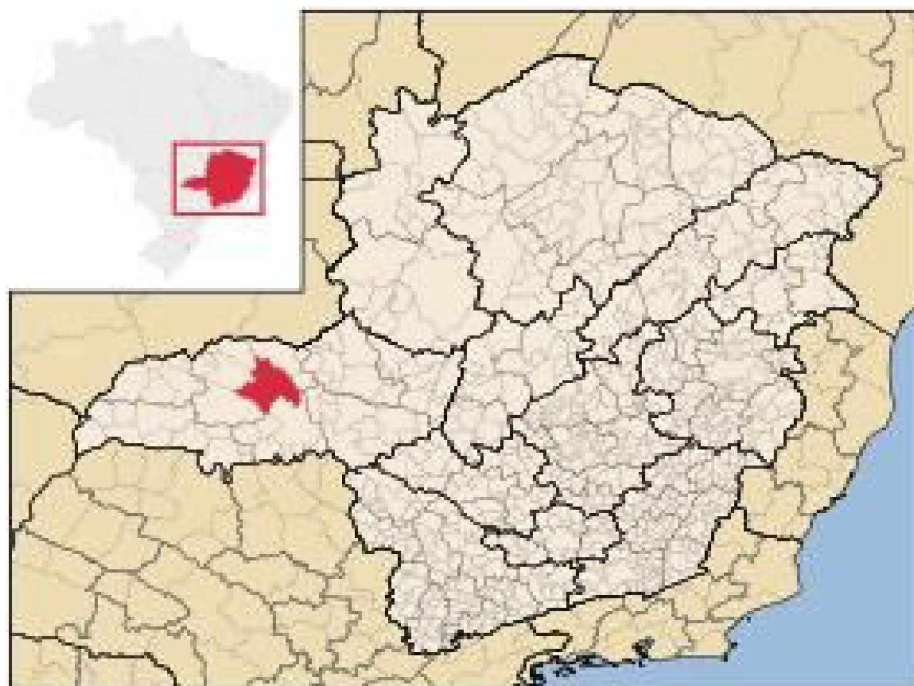


Figura 6 - Mapa territorial de Uberlândia-MG

Fonte: Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A2ndia#/media/File:MinasGerais_Municip_Uberlandia.svg,
Acessado em: 24 jun. 2017.

De acordo com os dados²² do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a população de Uberlândia tinha 669.672 habitantes, dos quais 51% são mulheres e 49% são homens. O município foi considerado o segundo mais populoso de Minas Gerais, atrás apenas da capital Belo Horizonte.

Sobre os serviços oferecidos em Uberlândia, a educação é considerada de qualidade. Há muitas escolas públicas e privadas, além de várias universidades, dentre elas, destaca-se a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A UFU atrai estudantes de todas as partes do país e, com isso, contribui para o desenvolvimento da cidade, por meio da geração de empregos e da utilização dos recursos que o município oferece, por exemplo, em relação ao mercado imobiliário.

Além da UFU, devido ao pioneirismo na área do empreendedorismo, Uberlândia é referência em vários segmentos como: agronegócios, atacado distribuidor, biotecnologia, *call*

²² Informações sobre a área populacional de Uberlândia adquiridas no *site*:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=317020&search=minas-geraisuberlandia>, Acessado em: 24 jun. 2017.

center, telecomunicações, laticínios, moveleiro, químico e energético e processamento de carnes. A cidade conta ainda com importantes tradições esportivas e culturais, tais como: artesanato, teatro, música e esporte. Na área econômica, Uberlândia tem 27% do produto interno bruto, que, de acordo com o IBGE, é o segundo maior do estado.

Após esse breve histórico sobre a cidade de Uberlândia, na próxima seção, tratamos dos critérios de estratificação da amostra desta pesquisa.

3.2 Critérios para a Seleção de Participantes e Amostras

A constituição da amostra desta pesquisa seguiu os critérios propostos pelo GEFONO, Grupo de Pesquisa em Fonologia, registrado no CNPq no endereço eletrônico: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1042512570006243. Selecionamos 24 informantes, entre homens e mulheres, que foram estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolaridade. Essas são as três variáveis extralinguísticas selecionadas pelo GEFONO para este e outros estudos realizados na região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba. A Figura 7 mostra a estratificação dos participantes:

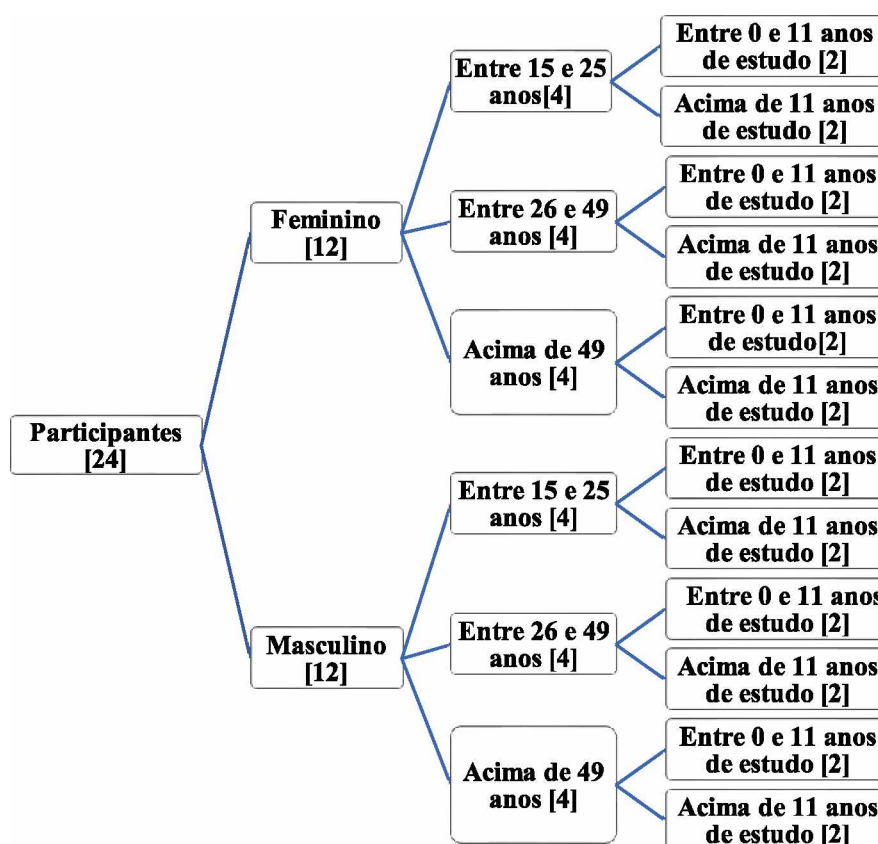


Figura 7 - Critérios sociolinguísticos para a estratificação dos participantes

Além da estratificação mostrada na Figura 7, outros dois critérios deveriam ser obedecidos pelos participantes selecionados, a saber:

1. ser natural de Uberlândia;
2. nunca ter morado fora dessa comunidade.

O primeiro critério justifica-se pelo fato de Uberlândia ser um grande polo migratório, com muitas indústrias e universidades, dentre elas, a Universidade Federal de Uberlândia. Por isso, delimitamos, como participantes, indivíduos que nasceram e cresceram na cidade. O segundo critério é justificável, pois o alvo deste trabalho é o abaixamento das vogais médias altas pretônicas, um fenômeno que é mais comum nos dialetos de outras regiões brasileiras, por exemplo, na região Nordeste, onde grande parte dos indivíduos tende a pronunciar as vogais médias /e/ e /o/ como [ɛ] e [ɔ]. Então, o fato de o participante ter morado nessas localidades poderia influenciar ou, até mesmo, enviesar o estudo.

Após descrevermos como foi feita a seleção dos participantes, na seção seguinte, detalhamos como os dados referentes à variável dependente foram selecionados.

3.3 A Seleção dos Dados

Segundo Labov (2008, p. 63), “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”. Assim, para a obtenção dos dados, foram selecionadas 24 entrevistas gravadas do banco de dados do GEFONO, com duração média de trinta minutos cada uma. Essas entrevistas foram feitas a partir de um roteiro de perguntas pré-estabelecido e que está disponível no ANEXO A, no fim desta dissertação.

Após a audição das entrevistas e da revisão das transcrições ortográficas, selecionamos os dados de interesse para este estudo, quais sejam: a realização das vogais médias altas [e] e [o] e das médias baixas [ɛ] e [ɔ] na sílaba pretônica. Depois de selecionar os dados, criamos um código para a variável dependente e suas variantes²³. Para exemplificar os códigos criados para as variantes, utilizamos quatro letras do alfabeto: B, C, A e D, portanto:

- para a vogal média alta [e] → B (ex.: t[e]mpero, r[e]ceita)²⁴;
- para a vogal média baixa [ɛ] → C (ex.: d[ɛ]senho, dif[ɛ]rente);
- para a vogal média alta [o] → A (ex.: g[o]star, ch[o]rava);

²³ O termo variante refere-se às várias formas de realização da variável dependente.

²⁴ Os dados citados nesta seção foram retirados do *corpus* deste estudo.

- para a vogal média baixa [ɔ] → D (ex.: d[ɔ]méstica; b[ɔ]lada).

Na próxima seção, apresentamos todas as variáveis envolvidas na análise dos dados.

3.4 Seleção e Definição das Variáveis em Estudo

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 48), “a análise de regra variável foi desenvolvida na linguística como uma forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua”. Os estudos variacionistas contam com uma variável dependente e com as variáveis independentes, que correspondem aos grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente para que ocorra a variação. Este grupo de fatores pode ser linguístico ou extralinguístico. De acordo com os critérios adotados por Labov (2008), selecionamos doze variáveis independentes, das quais nove são linguísticas e três extralinguísticas, e que apresentamos a seguir.

3.4.1 A variável dependente

Nesta pesquisa, a variável dependente é a alternância das vogais médias na sílaba pretônica. Desse modo, representamos as formas variantes da realização destas vogais no falar uberlandense da seguinte maneira:

- [e] e [o]: para indicar a realização das vogais médias altas, como nas palavras: n[e]gócio e pr[o]cesso.
- [ɛ] e [ɔ]: para indicar a realização das vogais médias baixas, como em: n[ɛ]gócio e pr[ɔ]cesso.

3.4.2 As variáveis independentes

As variáveis independentes são o conjunto de fatores que operam para que a variável dependente sofra variação. Há as variáveis linguísticas, ou seja, inerentes à língua, tais como: contexto fonológico precedente e posterior à vogal pretônica; modo de articulação dos contextos precedente e posterior à vogal pretônica; ponto de articulação do contexto precedente e do contexto posterior à vogal pretônica; altura da vogal tônica; qualidade da vogal tônica; distância entre a sílaba pretônica e a tônica; distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica; e tipo de sílaba pretônica. Além das variáveis linguísticas, existem também as de natureza extralinguística, a saber: sexo, grau de escolaridade e faixa etária. Essas variáveis linguísticas e extralinguísticas constituem as variáveis independentes que fazem parte desta

pesquisa e advêm das hipóteses que foram postuladas na introdução desta dissertação. Nas subseções seguintes, detalhamos cada uma dessas variáveis.

3.4.2.1 As variáveis independentes linguísticas

Essas variáveis expressam as hipóteses acerca da influência que determinados fatores internos ao sistema linguístico podem exercer sobre o processo fonológico em análise. A seguir, apresentamos as variáveis linguísticas que foram selecionadas para a realização deste estudo.

3.4.2.1.1 Contexto fonológico precedente à vogal pretônica

De acordo com Bisol (1981), a vogal pretônica é significativamente influenciada pelo segmento que a precede. Ao lançarmos um olhar sobre esses segmentos que precedem a vogal pretônica, analisamos em que contextos eles ocorrem. Para tanto, observamos quando há uma consoante, uma vogal ou nenhum segmento, o que chamamos de pausa, antes da vogal pretônica analisada, controlando o contexto, o modo e o ponto de articulação.

Especificação do contexto precedente:

- consoante (doméstica²⁵; levada)²⁶;
- vogal (violência);
- pausa (#olhar).

Especificação do contexto precedente conforme o modo de articulação (o que inclui consoantes e abertura de vogais):

- oclusiva (adedonha; consegue)
- fricativa (sozinha; serviço);
- nasal (memória; notícia);
- líquida (colocava; mulherzinha);
- pausa (#evento);
- tepe (programa; programa);
- vogal baixa (Pacaembu);
- vogal média alta (reeleito)²⁷;

²⁵ Os exemplos citados nesta seção foram retirados do *corpus* deste estudo.

²⁶ Destacamos em negrito a vogal média pretônica e sublinhamos os contextos em análise.

²⁷ Nesse estudo não foi selecionado nenhuma vogal média baixa no contexto precedente e seguinte, pois nossos dados não apresentaram a presença desta vogal na posição pretônica.

- vogal alta (violência).

Especificação do contexto precedente à vogal pretônica de acordo com o ponto de articulação:

- velar (queria; complica);
- alveolar (tecido; doméstica);
- labial (melhor; pessoas);
- palatal (conheci);
- pausa (#evento);
- labiodental (afoga);
- pós-alveolar (Jesus);
- vogal baixa (Pacaaembu);
- vogal média alta (reeleito);
- vogal alta (violência).

3.4.2.1.2 Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica

Bisol (1981) afirma que o contexto fonológico seguinte é importante para a ocorrência dos processos de alternância vocálica em posição pretônica. Assim, neste estudo, também consideramos essa variável, de modo que um segmento posterior à vogal pretônica pode favorecer a regra de abaixamento. Por isso, pretendemos verificar se esse contexto favorece a realização das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] na sílaba pretônica.

A seguir, apresentamos os fatores que podem favorecer o abaixamento e os segmentos que ocorrem posteriormente à vogal pretônica, com o intuito de ilustrar o contexto, o modo e o ponto de articulação do segmento posterior à vogal pretônica:

Especificação do contexto seguinte à vogal pretônica:

- consoante (tempero; motivo);
- vogal (real).

Especificação do contexto seguinte à vogal pretônica quanto ao modo de articulação:

- oclusiva (chegava; frequenta);
- nasal (convite; tempero);
- fricativa (severa; novela);
- líquida (melhores; escolhi)

- tepe (teria; diferente);
- africada (acreditar);
- vogal baixa (real);
- vogal média alta (reeleito);
- vogal alta (reune).

Quanto ao ponto de articulação, os segmentos foram classificados da seguinte forma:

- velar (corria);
- alveolar (possessiva; sozinha);
- labial (quebro; momento);
- palatal (conhece; nenhuma);
- labiodental (sofrer; revista);
- pós-alveolar (fechado);
- vogal baixa (balanceado);
- vogal média alta (reeleito);
- vogal alta (veiculo).

3.4.2.1.3 Altura da vogal tônica

Vários estudos sobre a variação das vogais médias pretônicas, como o de Viana (2008), têm mostrado a relevância da vogal tônica para a ocorrência de algumas regras fonológicas, dentre elas, o abaixamento. Assim, neste estudo, consideramos que a altura da vogal tônica pode favorecer o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica no falar da população de Uberlândia. Para essa variável, controlamos os seguintes fatores:

- vogais altas [i, u] (lojinha; Jesus);
- vogais médias altas [e, o] (conhecer; gostoso);
- vogais médias baixas [ɛ, ɔ] (remedio; fofoca);
- vogal baixa [a] (morava)

3.4.2.1.4 Qualidade da vogal tônica

Estudos, como os de Bisol (1981) e Viegas (1987), mostraram que a qualidade da vogal tônica tem um papel fundamental para a variação. Nesse caso, a vogal tônica é considerada como:

- oral (processo; revista);
- nasal (emoção; atenção).

3.4.2.1.5 Distância entre a sílaba pretônica e a sílaba tônica

De acordo com alguns estudos, como o de Rezende (2013), a probabilidade de aplicação da regra de abaixamento, tanto de /e/ quando de /o/, tem relação com a proximidade entre a vogal da sílaba pretônica e a vogal da sílaba tônica. A nossa hipótese é de que quanto maior a distância entre a vogal analisada e a vogal tônica, menor é essa probabilidade. Portanto, nesta pesquisa, verificamos se a distância que existe entre a sílaba contendo a vogal pretônica analisada e a sílaba tônica favorece ou não a variação das vogais /e/ e /o/ no dialeto uberlandense. Abaixo, apresentamos os fatores referentes a essa variável:

- distância zero (condomínio; remédio);
- distância de uma sílaba (evangélica; respondeu);
- distância de duas sílabas (mentalidade; precisamente);
- distância de mais de duas sílabas (recuperação; consideração).

3.4.2.1.6 Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica

Viegas (1987) afirma que a distância entre a primeira e a segunda sílaba no início da palavra favorece o alçamento de /o/ para [u]. Neste estudo, verificamos se essa variável favorece a realização de [ɛ] e de [ɔ] na sílaba pretônica e, por isso, consideramos os seguintes fatores:

- distância zero (#memória; #morava);
- distância de uma sílaba (liberdade; colocava);
- distância de duas sílabas (acontecer);
- distância de mais de duas sílabas (aposentadoria).

3.4.2.1.7 Tipo de sílaba pretônica

O estudo de Rezende (2013) mostrou que as sílabas pesadas favorecem a realização de [ɛ] e de [ɔ], enquanto as sílabas leves desfavorecem o processo. Assim, por meio dessa variável, pretendemos verificar se ela favorece ou desfavorece o abaixamento das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar uberlandense. Os tipos de sílaba considerados são:

- sílabas leves: V, CV, CCV (melhor; adorei);
- sílabas pesadas: VC, CVC (hospital; gostar).

3.4.2.2 As variáveis independentes extralinguísticas

Seguindo os pressupostos da sociolinguística variacionista, consideramos fatores externos à língua na análise do processo fonológico em estudo. Nesta pesquisa, nos pautamos nas variáveis extralinguísticas definidas pelo GEFONO. A variável dependente pode ser influenciada por vários grupos de fatores, dentre eles, os fatores sociais e, para estudá-los, é preciso considerar os membros de uma determinada comunidade linguística. Assim sendo, as diferenças sociais que são externas à língua podem influenciar no modo de falar de cada indivíduo.

Diante dessas considerações, para estudarmos a regra do abaixamento, selecionamos três variáveis extralinguísticas, a saber: sexo, faixa etária e grau de escolaridade, que são descritas a seguir.

3.4.2.2.1 Sexo

No campo da sociolinguística, algumas pesquisas, como a de Paiva (2004), têm apontado que as mulheres são mais conservadoras do que os homens no que se refere à variação linguística. Portanto, é possível afirmar que as pessoas do sexo feminino conservam mais a norma padrão do que as do sexo masculino. Então, para sabermos como essa variável atua no dialeto uberlandense, consideramos os seguintes fatores:

- Sexo masculino (12 participantes);
- Sexo feminino (12 participantes).

3.4.2.2.2 Faixa etária

A língua falada pelo indivíduo sofre variação com o decorrer do tempo. Isso pode ser percebido, por exemplo, nas diferentes escolhas lexicais que diferem a fala de uma criança, de um jovem, de um adulto e de uma pessoa idosa. Essa variação pode ocorrer porque, ao longo da vida, os falantes passam por contextos linguísticos muito característicos de cada faixa etária, por exemplo, a escola produz falares específicos, bem como o local de trabalho. Desta forma, nesta pesquisa, consideramos as seguintes faixas etárias:

- Entre 15 e 25 anos de idade;
- Entre 26 e 49 anos de idade;
- Acima de 49 anos de idade.

3.4.2.2.3 Grau de escolaridade

Com base em Moraes (1996), afirmamos que a alfabetização tem um forte poder de estabelecer relações entre a língua e o falante. Sendo assim, é importante analisar essa variável, pois ela pode favorecer a regra de abaixamento pesquisada neste estudo. Nesta dissertação, a estratificação foi feita da seguinte maneira:

- Entre 0 e 11 anos de estudo;
- Acima de 11 anos de estudo.

Na seção seguinte, explicamos como foi feita a codificação dos dados para a leitura no programa estatístico *GoldVarb X*.

3.5 A Codificação dos Dados

Para codificar os dados, o pesquisador deve elaborar um sistema de codificação. Primeiramente, deve-se criar um código para a variável dependente e suas variantes, conforme exemplificamos na Seção 3.3. Sobre a codificação das variáveis linguísticas e extralinguísticas, Brescancini (2002, p. 20) explica que “para cada fator de cada variável independente linguística e social é atribuído um único código”. Assim, os códigos podem ser compostos por números, letras ou qualquer outro símbolo computacional. Todavia, deve-se evitar símbolos que já tenham significado para o programa (ex.: um parêntese), pois, ao fazer a leitura dos dados estatísticos, pode-se gerar a confusão de significado, o que prejudica a análise.

Nesta pesquisa, para a realização da codificação das variáveis selecionadas, criamos códigos para os fatores propostos. A maneira mais clara e objetiva para codificar os dados é criar um código distinto para cada fator, mas, quando o pesquisador possui um número extenso de fatores, pode ser necessário repetir algum código. Os códigos podem ser repetidos, mas essa repetição não pode ocorrer em um mesmo grupo de fatores.

Um exemplo de códigos criados para as variáveis deste estudo refere-se à codificação das variáveis extralinguísticas. Para essas variáveis, os códigos criados foram:

- **M** = sexo masculino;
- **F** = sexo feminino;

- Q = entre 15 e 25 anos de idade;
- X = entre 26 e 49 anos de idade;
- Y = com mais de 49 anos de idade;
- 2 = entre 0 e 11 anos de estudo;
- 1 = acima de 11 anos de estudo²⁸.

Assim que a codificação dos dados é feita, o próximo passo é rodá-los no programa de análise estatística, mais especificamente no *GoldVarb X*, que utilizamos neste estudo e sobre o qual discorreremos brevemente a seguir.

3.6 O Software *GoldVarb X* e sua Colaboração na Realização de Análises Estatísticas

O *GoldVarb X* é uma ferramenta estatística muito utilizada na análise de regras variáveis em estudos de cunho sociolinguístico. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 34), o principal objetivo de uma regra variável “[...] é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística”. A esse respeito, os autores asseveram que, primeiramente, é preciso definir a variável linguística, o que consiste também na identificação das variantes. Para isso, também é necessário, definir o envelope de variação, estabelecendo os contextos onde a variação pode ocorrer ou não.

Após a definição do envelope de variação, de posse dos dados codificados, o primeiro passo é transferir o arquivo com as codificações para o programa, salvá-lo e, em seguida, conferir todos os grupos de fatores para saber se há algo errado. Depois da conferência, é possível checar se a codificação está correta, uma vez que o programa mostra onde e o que precisa ser mudado. A rodada só prossegue com a codificação corrigida.

O pesquisador perceberá que os dados irão gerar uma porcentagem que varia entre 0% e 100%, o que mostra se as variáveis serão submetidas ou não à regra dependendo da porcentagem gerada para cada fator. Se o valor percentual estiver acima de 95% ou abaixo de 5%, a regra de variação não se aplicou, ou seja, os dados estão em nocaute. Nesse caso, o pesquisador deve retirar os nocautes para continuar a rodada dos dados, pois só vão interessar para a análise dados em que ocorreu a variação.

Após a retirada dos nocautes, o pesquisador segue a rodada normalmente, até que o programa gere os resultados que, posteriormente, irão para as tabelas. Os números contidos

²⁸ Os demais códigos criados para todas as variáveis selecionadas para este estudo estão no Apêndice A.

nessas tabelas são a base para confirmar ou refutar as hipóteses do pesquisador e poderão ser comparados com outros estudos realizados acerca do tema estudado.

Ao concluir a rodada, o *GoldVarb X* apresenta os percentuais que mostram a tendência de a variável dependente ocorrer em determinado contexto, sendo, também por meio dos pesos relativos, que o pesquisador poderá confirmar o efeito da variável dependente nos contextos selecionados. Dessa forma, quando mais próximo o peso relativo estiver de um, mais favorecedor é o fator no contexto, mas se o peso estiver perto de zero, o fator será desfavorecedor. Se o percentual estiver próximo de 0,50, que se refere ao ponto neutro, isso mostrará que o fator não favoreceu e também não desfavoreceu a aplicação da regra.

Portanto, com base nos resultados estatísticos e nos estudos sobre a variação das vogais médias pretônicas, no próximo capítulo, tratamos da análise dos resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos por meio das rodadas dos dados referentes ao abaixamento e à manutenção das vogais médias em posição pretônica no programa estatístico *GoldVarb X*, bem como os percentuais estatísticos e os pesos relativos informados pelo programa. Como manutenção, estamos nos referindo às médias altas. Além disso, comparamos os resultados que obtivemos com os de outros estudos sobre a regra de abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica e que já foram referidos nesta dissertação.

Desse modo, a análise ocorreu da seguinte forma: na Tabela 1, apresentamos um panorama geral da aplicação (abaixamento) e da não aplicação da regra (manutenção) nos dados referentes às vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no dialeto de Uberlândia-MG. Em seguida, apresentamos os resultados obtidos para /e/ e para /o/, com enfoque nos fatores que favoreceram e que desfavoreceram a realização de [ɛ] e de [ɔ], além da comparação com outros estudos que trataram do mesmo tema desta dissertação.

Na Tabela 1, a amostra dos dados de Uberlândia-MG contém um total de 2.549 ocorrências, das quais 1.310 são da vogal /e/ e 941 da vogal /o/. Em 298 ocorrências houve a realização de [ɛ], ao passo que a realização de [ɔ] teve 176 ocorrências. De acordo com os percentuais totais de aplicação da regra, ou seja, 18,5% para o abaixamento de /e/ e 18,7% para o abaixamento de /o/, podemos afirmar que a manutenção das vogais médias altas pretônicas é a principal forma de realização tanto de /e/ quanto de /o/ no falar de Uberlândia-MG, uma vez que o abaixamento variável dessas vogais na sílaba pretônica não obteve nem 20% de realização nesse município. Contudo, estas são afirmações acerca da totalização geral dos dados, uma vez que cada uma das variáveis selecionadas pelo programa poderão atestar resultados em contextos específicos, conforme veremos a seguir.

Tabela 1 - Amostra geral dos dados de Uberlândia-MG

	Total de ocorrências com vogais médias baixas pretônicas (abaixamento)	Total de ocorrências com vogais médias altas (manutenção)	Total de ocorrências	% Total de aplicação
Vogal /e/	298	1.310	1.608	18,5
Vogal /o/	176	765	941	18,7
TOTAL	474	2.075	2.549	

Nas próximas seções, apresentamos as variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X* para o abaixamento variável das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas no falar uberlandense.

4.1 Grupos de Fatores Selecionados para a Aplicação da Regra de Abaixamento da Vogal Média Pretônica /e/

Para a vogal /e/, as **variáveis independentes linguísticas** foram selecionadas pelo *GoldVarb X* na seguinte ordem:

- Altura da vogal tônica;
- Tipo de sílaba pretônica;
- Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação);
- Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação);
- Qualidade da vogal tônica;
- Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação);
- Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica;
- Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação).

A única **variável independente extralinguística** selecionada para a vogal /e/ foi:

- Sexo do participante.

As variáveis que não foram selecionadas pelo *GoldVarb X* para a aplicação da regra de abaixamento de /e/ foram:

Variável independente linguística:

- Distância entre a sílaba pretônica e a tônica.

Variáveis independentes extralinguísticas:

- Faixa etária;
- Grau de escolaridade.

A seguir, apresentamos as variáveis selecionadas para a realização deste estudo.

4.1.1 Análise dos resultados referentes à vogal /e/

- **Variáveis independentes linguísticas**

Na Tabela 2, apresentamos os resultados referentes à variável altura da vogal tônica.

Tabela 2 - Altura da vogal tônica

Vogal [ɛ]			
Altura da vogal tônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal baixa (lib[e]rais)	65/465	14,0	0,44
vogais médias baixas (m[ɛ]lhor)	85/154	55,2	0,87
vogais médias altas (r[ɛ]speito)	103/611	16,9	0,50
vogais altas (v[ɛ]rdura)	45/378	11,9	0,37
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Nesta tabela, os resultados mostraram que a vogal média baixa tônica foi a única favorecedora do abaixamento de /e/. Esse fator teve um peso relativo alto 0,87 e 85 abaixamentos em um total de 154 ocorrências. O percentual foi de 55,2%, o que representa mais da metade dos dados referentes a esse fator realizados com [ɛ] na sílaba pretônica. Já as vogais altas tônicas mostraram-se grandes desfavorecedoras da aplicação da regra, o que está refletido no peso relativo muito baixo 0,37. As vogais baixas também não favoreceram o abaixamento de /e/ e as vogais médias altas permaneceram no ponto neutro 0,50, por isso, não favoreceram nem desfavoreceram a aplicação da regra em estudo.

Assim, os resultados que obtivemos se aproximaram dos de Fagundes (2015) e de Rezende (2013). Segundo Fagundes (2015), as vogais médias baixas na sílaba tônica favoreceram a aplicação da regra de abaixamento, o que corresponde ao resultado que

encontramos para esta variável. Os dados da autora também mostraram que as vogais médias altas tônicas favoreceram a aplicação da regra, um resultado diferente do obtido neste estudo.

Rezende (2013, p. 86) também verificou que a vogal média baixa na sílaba tônica é a principal favorecedora para o abaixamento de /e/ na sílaba pretônica e ressalta que “[...] a harmonia vocálica é um processo capaz de elevar as vogais médias, como nos estudos de Bisol (1981) e Schwindt (1995), mas também pode abaixá-las quando houver, na sílaba tônica, um [ɛ] ou um [ɔ]”, como ocorreu com os dados da autora e também com os desta dissertação. Desse modo, o processo de HV parece ser o principal favorecedor para a aplicação da regra de abaixamento das vogais médias altas pretônicas no falar de Uberlândia-MG. A conclusão a que se chega é que a harmonia vocálica atua como uma regra engatilhada tanto por vogais altas (Bisol, 1981) quanto por vogais médias baixas, como comprova nossa pesquisa. Consideramos este resultado bastante relevante, o que suscita pesquisas com dados de outras regiões próximas, como o Sul de Goiás e o Norte de São Paulo, a fim de averiguar o mapeamento geográfico desta regra.

A próxima variável selecionada pelo *GoldVarb X* foi o tipo de sílaba pretônica, cujos fatores podem ser conferidos na tabela abaixo:

Tabela 3 – Tipo de sílaba pretônica

Vogal [ɛ]			
Tipo de sílaba pretônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
sílabas pesadas (p[ɛ] ssoas)	59/634	9,3	0,31
sílabas leves (s[ɛ] vera)	239/974	24,5	0,62
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Os resultados da Tabela 3 mostraram que as sílabas leves favoreceram a aplicação da regra de abaixamento da vogal /e/ pretônica no dialeto de Uberlândia-MG. De acordo com os números apresentados, as sílabas leves obtiveram um peso relativo de 0,62 para 239 aplicações em um total de 974 ocorrências e com um percentual de 24,5%. Já as sílabas pesadas desfavoreceram a aplicação da regra, pois tiveram um peso relativo baixo 0,31 e 59 aplicações em 634 ocorrências, o que gerou um percentual de 9,3%. Esses resultados são diferentes dos apresentados por Rezende (2013), pois, no estudo da autora, foram as sílabas pesadas que favoreceram o abaixamento de /e/. Porém, esses dados confirmam a nossa hipótese de que o abaixamento ocorre com mais frequência em sílabas leves do que em pesadas. É necessário

ponderar, contudo, que o abaixamento da sílaba leve pode estar também relacionado ao fator vogal média baixa na sílaba tônica, o que necessitaria de uma averiguação por amalgamação. Para estudos futuros, tais cruzamentos poderão ser realizados.

A próxima variável selecionada é o contexto fonológico precedente quanto ao modo de articulação.

Tabela 4 - Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação)

Vogal [ɛ]			
Modo de articulação do contexto precedente	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
oclusivas (red <u>[e]</u> ntor)	66/649	10,2	0,30
nasais (<u>m</u> [e]nor)	78/190	41,1	0,49
líquidas (mul <u>[ɛ]</u> cagem)	28/179	15,6	0,57
fricativas ([<u>ʃ</u>]em <u>p</u> lo)	81/388	20,9	0,59
tepe (p <u>r</u> [ɛ]ciso)	45/202	22,3	0,83
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Na Tabela 4, é possível observar que a consoante tepe precedente foi a principal favorecedora para a aplicação da regra de abaixamento fosse aplicada para a vogal /e/. Esse fator teve um peso relativo alto 0,83, 45 aplicações em 202 ocorrências e um percentual de 22,3%. As consoantes fricativas apareceram em segundo lugar, com um peso relativo de 0,59; 81 aplicações em 388 ocorrências e um percentual de 20,9%. Em terceiro lugar, dentre os fatores favorecedores da realização de [ɛ] em posição pretônica, apareceram as consoantes líquidas, cujo peso relativo foi de 0,57 e com 28 aplicações em 179 ocorrências, o que gerou um percentual estatístico de 15,6%.

Já as consoantes oclusivas, com um peso relativo de 0,30 e 66 aplicações em 649 ocorrências, e as consoantes nasais, com peso relativo de 0,49 e 78 aplicações em 190 ocorrências, foram os dois fatores selecionados pelo programa estatístico como desfavorecedores do abaixamento de /e/.

Esses resultados mostraram-se distintos dos apresentados no estudo de Silva (2009), pois, no trabalho da autora, a posição absoluta²⁹ foi a principal favorecedora da aplicação da regra. O estudo de Viana (2008) apresentou um resultado semelhante ao nosso, visto que foram selecionadas como favorecedoras do abaixamento as consoantes fricativas, como neste estudo, e as laterais. Em Rezende (2013), as consoantes favorecedoras da aplicação da regra de abaixamento foram as líquidas, que também foram selecionadas nesse estudo.

Na Tabela 5, apresentamos os resultados referentes à variável contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação).

Tabela 5 - Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação)

Vogal [ɛ]			
Modo de articulação do contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
líquidas (n[ɛ]rvosa)	79/308	25,6	0,60
nasais (c[ɛ]nora)	21/110	19,1	0,23
tepe (p[ɛ]rfeita)	31/181	17,1	0,34
oclusivas (c[ɛ]bola)	82/470	17,4	0,46
fricativas (d[ɛ]zessete)	85/539	15,8	0,58
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

A Tabela 5 mostra que as consoantes líquidas e as fricativas favoreceram o abaixamento de /e/. As líquidas tiveram um peso relativo de 0,60; 79 aplicações em 308 ocorrências e um percentual de 25,6%. Já as fricativas obtiveram um peso relativo de 0,58, com um total de 85 aplicações em 470 ocorrências e um percentual de 15,8%. As demais consoantes seguintes que aparecem na tabela mostraram-se desfavorecedoras da aplicação da regra, quais sejam: as nasais, com um peso relativo de 0,23, com 21 aplicações em 110 ocorrências e com um percentual estatístico de 19,1%; a consoante tepe, com um peso relativo de 0,34, 31 aplicações em 181 ocorrências e um percentual de 17,1%; e as oclusivas seguintes, que tiveram um peso relativo pouco abaixo do ponto neutro 0,46, 82 aplicações em 470 ocorrências e um percentual de 17,4 %.

²⁹ A autora denomina de posição absoluta o contexto onde não há nenhuma vogal ou consoante que precede a vogal pretônica analisada.

Esses resultados são semelhantes aos de Rezende (2013), que também teve as consoantes líquidas selecionadas como favorecedoras do abaixamento de /e/. O que diferencia os resultados da autora dos que obtivemos para essa variável é que o tepe e as consoantes nasais também favoreceram a realização de [ɛ] no dialeto de Monte Carmelo-MG, ao contrário do que ocorreu no dialeto uberlandense.

Outra variável selecionada foi a qualidade da sílaba tônica, ou seja, se essa sílaba é oral ou nasal.

Tabela 6 - Qualidade da vogal tônica

Vogal [ɛ]			
Qualidade da vogal tônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogais nasais ([ɛ] <u>v</u> ento)	99/468	21,2	0,60
vogais orais ([ɛ] <u>s</u> teja)	199/1.140	17,5	0,45
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Os números da Tabela 6 revelaram que as vogais nasais tônicas favoreceram a aplicação da regra. Esse fator teve um peso relativo de 0,60, além de 99 abaixamentos para 468 ocorrências e um percentual de 21,2%. Em contrapartida, as vogais orais foram consideradas desfavorecedoras do abaixamento de /e/, pois esse fator apresentou um peso relativo de 0,45; 199 aplicações em 1.140 ocorrências e um percentual de 17,5%.

Outras autoras, como: Graebin (2008), Rezende (2013) e Fagundes (2015), encontraram resultados similares aos apresentados na Tabela 6, uma vez que tanto o fator que favoreceu a aplicação da regra quanto o que desfavoreceu foram os mesmos obtidos neste estudo.

A variável contexto fonológico precedente, quanto ao ponto de articulação, está representada na Tabela 7, a seguir:

Tabela 7 - Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogal [ɛ]			
Ponto de articulação do contexto precedente	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
labiais (cum[ɛ]cei)	98/431	22,7	0,66
alveolares (s[e]tenta)	91/597	15,2	0,50
velares (qu[e]stão)	62/368	16,8	0,26
labiodentais (dif[ɛ]rente)	47/212	22,2	0,57
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Segundo os números da Tabela 7, as consoantes labiais, com peso relativo de 0,66, 98 abaixamentos em 431 ocorrências e com um percentual de 22,7% foram as principais favorecedoras da aplicação da regra nesse contexto. Em seguida, aparecem as consoantes labiodentais. Esse fator apresentou um peso relativo de 0,57; 47 aplicações em 212 ocorrências e um percentual de 22,2%. As consoantes velares desfavoreceram o abaixamento de /e/, pois tiveram um peso relativo muito baixo 0,26 e apenas 62 aplicações em 368 ocorrências. As consoantes alveolares não favoreceram e nem desfavoreceram a aplicação da regra, pois permaneceram no ponto neutro 0,50.

Graebin (2008) encontrou resultados diferentes aos que obtivemos, posto que, no estudo da autora, os fatores que favoreceram o abaixamento foram as consoantes pós-alveolares e as velares. Silva (2009) também teve resultados distintos dos desta dissertação, pois as variáveis selecionadas para a aplicação da regra de abaixamento foram as velares e a posição inicial absoluta e palatais. Já Fagundes (2015) apresentou resultados parecidos com os deste estudo pelo fato de as consoantes labiais terem sido selecionadas como favorecedoras da aplicação da regra. Entretanto, no estudo da autora, as consoantes dorsais favoreceram o abaixamento de /e/, um resultado diferente do obtido nesta pesquisa.

A Tabela 8 mostra os resultados referentes à variável distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica.

Tabela 8 - Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica

Vogal [ɛ]			
Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
distância de uma sílaba (<u>corr</u> [ɛ]ria)	84/588	14,3	0,42
distância zero (m[ɛ]trópole)	214/1.020	21,0	0,54
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Apesar de essa variável ter sido selecionada pelo programa estatístico, o fator que favoreceu o abaixamento de /e/ não está muito distante do ponto neutro = 0,50, o que consideramos, aliada à ordem em que foi selecionada (quase em último lugar), que essa não é uma variável de importância significativa para a aplicação da regra. Conforme a Tabela 8, o fator distância zero é o único favorecedor do abaixamento de /e/, com um peso relativo de 0,54; 214 aplicações em 1.020 ocorrências e um percentual de 21,0%. O fator distância de uma sílaba desfavoreceu a aplicação de regra de abaixamento, pois teve um peso relativo de 0,42, além de 84 aplicações em 588 ocorrências e um percentual de 14,3%.

Assim como mencionamos no parágrafo anterior para este estudo, em Rezende (2013), a seleção dessa variável também não se mostrou relevante. Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que quanto menor a distância entre a sílaba pretônica e o início da palavra, maior a probabilidade de o abaixamento ocorrer na vogal pretônica.

Na Tabela 9, apresentamos os resultados referentes à variável contexto fonológico seguinte à vogal pretônica, quanto ao ponto de articulação.

Tabela 9 - Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogal [ɛ]			
Ponto de articulação do contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
velares (n[ɛ]gócio)	121/568	21,3	0,62
labiais (d[ɛ]bates)	22/167	13,2	0,51
alveolares (ad[ɛ]donha)	92/680	13,5	0,40
pós-alveolares (d[ɛ]xava)	10/38	26,3	0,47
labiodentais (d[ɛ]feitos)	20/102	19,6	0,37
palatais (m[ɛ]lhor)	33/53	62,3	0,62
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Para a variável contexto seguinte referente ao ponto de articulação, as consoantes velares seguintes favoreceram o abaixamento de /e/. Esse fator teve um peso relativo de 0,62; 121 aplicações em 568 ocorrências e um percentual de 21,3%. Ao lado das velares, as consoantes palatais também favoreceram a aplicação da regra, pois tiveram um peso relativo de 0,62; 33 aplicações em 53 ocorrências e um percentual superior a 60%. As labiais permaneceram próximas ao ponto neutro, com um peso relativo de 0,51 e apenas 22 abaixamentos em 167 ocorrências.

Em contrapartida, as consoantes labiodentais, as alveolares e as pós-alveolares mostraram-se desfavorecedoras do abaixamento de /e/. As labiodentais apresentaram um peso relativo baixo 0,37, somente 20 aplicações em 102 ocorrências e um percentual de 19,6%. As consoantes alveolares tiveram um peso relativo de 0,40 e um percentual de apenas 13,5%. Por fim, as consoantes pós-alveolares tiveram um peso relativo de 0,47 e 10 aplicações em um total de 38 ocorrências.

Para essa variável, Graebin (2008) obteve resultados diferentes aos deste estudo, pois, em sua análise, as labiais foram selecionadas como favorecedoras, bem como as labiodentais. A exemplo de Graebin (2008) e diferentemente do que obtivemos, no estudo de Fagundes (2015), as labiais também favoreceram o abaixamento de /e/, mas, como aconteceu com nossos dados, as dorsais, que consideramos como velares, favoreceram a aplicação da regra. Já em Silva (2009), as velares e as palatais favoreceram a realização de [ɛ] em posição pretônica, assim como os resultados que apresentamos na Tabela 9.

▪ **Variável independente extralinguística**

Neste estudo, consideramos três variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e grau de escolaridade), mas, para a vogal /e/, apenas a variável sexo foi selecionada pelo *GoldVarb X*, conforme apresentado na Tabela 10.

Tabela 10 - Sexo do participante

Vogal [ɛ]			
Sexo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	113/723	15,6	0,42
Masculino	185/885	20,9	0,56
TOTAL	298/1.608	18,5	
Input 0,133		Significância 0,019	

Os resultados obtidos para essa variável mostraram que os informantes do sexo masculino foram os favorecedores do abaixamento de /e/. Esse fator apresentou um peso relativo de 0,56; 185 aplicações em 885 ocorrências e um percentual de 20,9%. Já o fator sexo feminino não favoreceu a aplicação da regra. O peso relativo deste fator foi de 0,42, apenas 113 abaixamentos em 723 ocorrências e um percentual de 15,6%. Uma interpretação possível para esse resultado é que as mulheres costumam permanecer mais tempo na escola do que os homens e, por isso, sejam mais conservadoras do que eles em relação à variação linguística. Este “conservadorismo” feminino tem sido atestado desde os estudos de Labov na década de 1970 do século passado. Nosso resultado é semelhante ao de Rezende (2013), mas difere do de Graebin (2008).

Na próxima seção, apresentamos as variáveis selecionadas para o abaixamento da vogal /o/ na sílaba pretônica.

4.2 Grupos de Fatores Selecionados para a Aplicação da Regra de Abaixamento da Vogal Média Pretônica /o/

Para a vogal /o/, o programa *GoldVarb X* selecionou as **variáveis independentes linguísticas** na ordem que se segue:

- Altura da vogal tônica;
- Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação);

- Tipo de sílaba pretônica;
- Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação);
- Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação).

Assim como ocorreu para a vogal /e/, para a análise da vogal /o/, apenas uma **variável independente extralinguística** foi selecionada pelo programa estatístico:

- Sexo do participante.

As variáveis que não foram selecionadas pelo *GoldVarb X* para a aplicação da regra de abaixamento de /o/ foram:

Variáveis independentes linguísticas:

- Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação);
- Qualidade da vogal tônica;
- Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica;
- Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica.

Variáveis independentes extralinguísticas:

- Faixa etária;
- Grau de escolaridade.

A seguir, apresentamos as variáveis e seus respectivos fatores selecionados para a análise da vogal /o/.

4.2.1 Análise dos resultados referentes à vogal /o/

- **Variáveis Linguísticas**

Na Tabela 11, apresentamos os resultados obtidos para a variável altura da vogal tônica.

Tabela 11 - Altura da vogal tônica

Vogal [ɔ]			
Altura da vogal tônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal baixa (col[ɔ]c <u>a</u> va)	62/362	17,1	0,51
vogais altas (s[ɔ]z <u>i</u> nha; j[ɔ]g <u>u</u> inhos)	44/183	24,0	0,56
vogais médias altas (m[o]m <u>e</u> nto; g[o]s <u>t</u> oso)	14/306	4,6	0,27
vogais médias baixas (f[ɔ]f <u>o</u> ca; d[ɔ]m <u>e</u> stica)	56/90	62,2	0,92
TOTAL	176/941	18,7	

Input 0,101

Significância 0,009

Os resultados desta tabela mostraram que as vogais médias baixas tônicas foram as que mais favoreceram o abaixamento da vogal /o/. Esse fator apresentou um peso relativo alto 0,92, 56 realizações de [ɔ] em 90 ocorrências e um percentual superior a 60%, o que corresponde a mais da metade dos dados realizados com o abaixamento da vogal média posterior. As vogais altas também favoreceram o abaixamento de /o/, embora com um peso relativo 0,56 bem inferior ao das vogais médias baixas e com menos aplicações da regra (44 em 183 ocorrências). Este resultado, com peso relativo acima de 0,90 pode ser demonstrativo de que esta regra tende a se tornar categórica. Estudos com mais informantes e mais dados necessitam ser feitos futuramente a fim demonstrar se já estaria se consolidando uma mudança. A vogal baixa e as vogais altas permaneceram próximas ao ponto neutro e, por isso, não foram consideradas nem favorecedoras e nem desfavorecedoras da aplicação da regra. Em contrapartida, as vogais médias altas desfavoreceram o abaixamento de /o/, pois tiveram o menor peso relativo 0,27 da tabela, apenas 14 aplicações em 306 ocorrências e um percentual de apenas 4,6%.

Os resultados apresentados na Tabela 11 são semelhantes aos encontrados por outras pesquisadoras já referidas nesta dissertação, como: Silva (2009), Rezende (2013) e Fagundes (2015). Silva (2009) verificou que a regra de abaixamento se aplicou para a vogal média pretônica /o/ quando estava seguida pela vogal média baixa tônica, o que foi evidenciado também em nossos dados. Em Fagundes (2015), as principais favorecedoras do abaixamento foram as vogais médias baixas tônicas, assim como ocorreu em nossos dados. Rezende (2013, p. 98) também afirma que, em seu estudo, “[...] as principais favorecedoras da variação de /o/ → [ɔ] são as vogais médias baixas tônicas”, seguida pela vogal baixa tônica.

Assim, confirmamos a nossa hipótese de que a altura da vogal tônica favorece o abaixamento das vogais médias altas em posição pretônica, mais especificamente, se a vogal tônica for uma média baixa.

A próxima variável selecionada foi a especificação do contexto fonológico precedente à vogal pretônica, quanto ao ponto de articulação), conforme exposto na Tabela 12.

Tabela 12 - Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogal [ɔ]			
Ponto de articulação do contexto precedente	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
labiais (<u>m</u> [ɔ]ramos) ³⁰	20/263	7,6	0,29
velares (<u>ç</u> [ɔ]nsiga)	65/417	15,6	0,52
alveolares (<u>s</u> [ɔ]zinho)	56/157	35,7	0,65
labiodentais (<u>f</u> [ɔ]foca)	11/70	15,7	0,51
pós-alveolares (<u>j</u> [ɔ]rnal)	24/34	70,6	0,93
TOTAL	176/941	18,7	
Input 0,101		Significância 0,009	

De acordo com a Tabela 12, as consoantes pós-alveolares foram as que mais favoreceram a aplicação da regra de abaixamento de /o/. Esse fator apresentou o peso relativo mais alto da tabela 0,93 e teve 24 aplicações em 34 ocorrências, o que gerou um percentual de 70,6%. Em segundo lugar apareceram as consoantes alveolares, com 0,65 de peso relativo, 56 aplicações em 157 ocorrências e um percentual de 35,7%. As consoantes velares e as labiodentais permaneceram próximas ao ponto neutro e, por isso, não foram consideradas relevantes para este estudo. Já as consoantes labiais desfavoreceram o abaixamento de /o/, pois apresentaram um peso relativo muito baixo (0,29), tiveram apenas 20 aplicações em 263 ocorrências e um percentual de 7,6%, o menor dentre todos os fatores considerados.

Os resultados apresentados na Tabela 12 podem ser comparados aos de Rezende (2013), pois as consoantes pós-alveolares também foram selecionadas como as mais favorecedoras do abaixamento de /o/ no estudo da autora. Os outros fatores selecionados na análise de Rezende (2013) e que também são os mesmos desta análise são as consoantes alveolares e as

³⁰ Disponibilizamos um quadro no Apêndice B especificando as classes das consoantes e das vogais que compõem o contexto fonológico seguinte e precedente, quanto ao modo de articulação, e o contexto fonológico seguinte e precedente, quanto ao ponto de articulação.

labiodentais, o que reforça a ideia de que esses contextos são, de fato, importantes para a motivação do abaixamento na região do Triângulo Mineiro. Além disso, os resultados que apresentamos corroboram para a confirmação da nossa hipótese de que a ocorrência do processo de abaixamento ou da manutenção das vogais médias /e/ e /o/ depende dos segmentos que precedem a vogal média pretônica analisada.

A variável tipo de sílaba pretônica pode ser visualizada na Tabela 13.

Tabela 13 - Tipo de sílaba pretônica

Vogal [ɔ]			
Tipo de sílaba pretônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
sílabas leves (<u>n[ɔ]</u> vela)	142/559	25,4	0,67
sílabas pesadas (<u>g[ɔ]</u> stei)	34/382	8,9	0,25
TOTAL	176/941	18,7	
Input 0,101		Significância 0,009	

Segundo a Tabela 13, as sílabas leves favoreceram o abaixamento de /o/ e as sílabas pesadas desfavoreceram. As sílabas leves apresentaram um peso relativo de 0,67; 142 aplicações em 559 ocorrências e um percentual de 25,4%. Já as sílabas pesadas tiveram um peso relativo baixo 0,25, apenas 34 abaixamentos em 382 ocorrências e menos de 10% dos dados realizados com [ɔ] na sílaba pretônica.

Os resultados que obtivemos para essa variável são diferentes dos apresentados por Rezende (2013). Isso porque os dados da autora mostraram que as sílabas pesadas favoreceram o abaixamento de /o/. Entretanto, assim como neste estudo, Viana (2008) concluiu que as sílabas leves favoreceram o abaixamento da vogal /o/ pretônica. Assim, esses resultados confirmam a nossa hipótese de que o abaixamento se aplicaria com mais frequência em palavras cujas sílabas pretônicas são leves.

Outra variável selecionada foi a especificação do contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação), como podemos visualizar na Tabela 14.

Tabela 14 - Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação)

Vogal [ɔ]			
Modo de articulação do contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
tepe (h[<u>o</u>]rários)	14/107	13,1	0,25
oclusivas (p[<u>o</u>]der)	48/327	14,7	0,39
nasais (s[<u>o</u>]nhei)	19/99	19,2	0,44
líquidas (tecn[<u>ɔ</u>]lógica)	45/209	21,5	0,61
fricativas (s[<u>ɔ</u>]zinho)	50/199	25,1	0,70
TOTAL	176/941	18,7	
Input 0,101		Significância 0,009	

Na Tabela 14, as consoantes fricativas seguintes foram as principais favorecedoras ao abaixamento de /o/. Esse fator obteve o peso relativo mais alto da tabela (0,70), além de 50 aplicações em 199 ocorrências e um percentual de 25,1%. Após as fricativas, aparecem as consoantes líquidas, que tiveram um peso relativo de 0,61, 45 abaixamentos em 209 ocorrências e um percentual de 21,5%. Como fatores desfavorecedores da aplicação da regra, o programa estatístico selecionou as consoantes nasais, as oclusivas e o tepe. Esses fatores apresentaram pesos relativos abaixo do ponto neutro, ou seja, menores que 0,50, e poucos casos de abaixamento quando comparados com os demais fatores selecionados como favorecedores.

Os resultados obtidos para essa variável são semelhantes aos de Rezende (2013), pois, assim como neste estudo, a autora verificou que, no dialeto carmelitano, as consoantes líquidas seguintes também favoreceram a aplicação da regra. Os resultados desta variável também são parecidos com os de Viana (2008), uma vez que as consoantes fricativas seguintes favoreceram o abaixamento de /o/, ao passo que as consoantes oclusivas e o tepe desfavoreceram a aplicação da regra. Portanto, esses resultados confirmam a nossa hipótese de que o abaixamento ou a manutenção das vogais médias altas depende dos segmentos seguintes à vogal média pretônica analisada. Também neste caso, estudos futuros, com mais dados e mais informantes e com a realização de amalgamação deverão ser feitos para atestar ou não uma possível estabilidade do abaixamento em certos contextos.

Na Tabela 15, podemos visualizar os resultados referentes à variável especificação do contexto fonológico seguinte à vogal pretônica quanto ao ponto de articulação.

Tabela 15 - Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação)

Vogal [ɔ]			
Ponto de articulação do contexto seguinte	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
velares (pr[ɔ]curaram)	79/378	20,9	0,66
alveolares (g[o]stava)	55/357	15,4	0,40
labiais (c[o]mprava)	24/162	14,8	0,36
labiodentais (pr[o]fundo)	18/44	40,9	0,35
TOTAL	176/941	18,7	

Input 0,101

Significância 0,009

Para essa variável, os dados mostraram que a consoante velar seguinte foi a principal favorecedora do abaixamento de /o/. Esse fator teve um peso relativo de 0,66; 79 aplicações em 378 ocorrências e um percentual de 20,9%. Todos os outros três fatores da tabela, ou seja, as consoantes alveolares, as labiais e as labiodentais, desfavoreceram a aplicação de regra, pois, como os números mostram, esses fatores apresentaram pesos relativos muito baixos e poucas realizações de abaixamentos. Os dados de Silva (2009) também apresentaram as consoantes velares seguintes como favorecedoras do abaixamento de /o/, de modo que esse resultado é semelhante ao que obtivemos.

▪ Variável extralinguística

Para a realização da vogal média baixa [ɔ], o programa estatístico selecionou somente a variável sexo, cujos resultados estão na Tabela 16.

Tabela 16 - Sexo do participante

Vogal [ɔ]			
Sexo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	72/451	16,0	0,42
Masculino	104/490	21,2	0,56
TOTAL	176/941	18,7	

Input 0,101

Significância 0,009

Os resultados descritos na Tabela 16 mostram que, assim como ocorreu para a vogal /e/, para a vogal /o/, os homens também favoreceram a aplicação da regra de abaixamento. Esse

fator apresentou um peso relativo de 0,56, além de 104 aplicações em 490 ocorrências e um percentual de 21,2%. Já as mulheres, a exemplo dos resultados obtidos para a vogal /e/, desfavoreceram a realização de [ɔ] na sílaba pretônica. Elas tiveram um peso relativo de 0,42, sendo 72 aplicações em 451 ocorrências e um percentual de 16,0%.

Para Mollica (2015, p. 34), “[...] as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”. Provavelmente, isso explica o fato de as mulheres terem apresentado um percentual estatístico mais baixo que os homens para o abaixamento. Mollica (2015) também ressalta que há diferenças de cunho significativo na forma de falar entre mulheres e homens, o que pode ser verificado pelas diferenças nos números expostos na Tabela 16.

Ao comparar esses resultados com os de outras pesquisas, verificamos que os estudos de Graebin (2008) e Silva (2009) obtiveram resultados diferentes aos desta dissertação, pois, nesses estudos, a variável sexo foi selecionada somente para o sexo feminino. Em Rezende (2013), os resultados foram semelhantes aos desta pesquisa, visto que, no trabalho da autora, os homens também foram selecionados como favorecedores do abaixamento de /o/. Nesse sentido, confirmamos a nossa hipótese de que o abaixamento ocorre mais no falar de indivíduos do sexo masculino do que no do sexo feminino.

Neste capítulo, portanto, apresentamos a análise estatística, incluindo os pesos relativos, o total de aplicação de regra, o total de ocorrência e também os percentuais referentes a cada fator selecionado. Desse modo, também comparamos os resultados que obtivemos com os estudos de Graebin (2008), Viana (2008), Silva (2009), Rezende (2013) e Fagundes (2015). Para as variáveis extralinguísticas, fizemos algumas considerações referentes à variação pautadas em Tarallo (2006), Labov (2008) e Mollica (2015).

No Quadro 2, apresentamos todos os resultados referentes à aplicação da regra de abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ na sílaba pretônica e, em seguida, tecemos as considerações finais sobre este estudo.

Quadro 2 - Resumo dos fatores que favoreceram a aplicação da regra de abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Variáveis analisadas pelo <i>GoldVarb X</i>	Fatores selecionados para o abaixamento de /e/	Fatores selecionados para o abaixamento de /o/
Altura da vogal tônica	Vogais médias baixas	Vogais médias baixas e vogais altas
Tipo de sílaba pretônica	Sílabas leves	Sílabas leves
Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (modo de articulação)	Consoantes tepe, fricativas e líquidas	Essa variável não foi selecionada pelo programa de análise estatística.
Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (modo de articulação)	Consoantes líquidas e fricativas	Consoantes fricativas e líquidas
Qualidade da vogal tônica	Vogais tônicas nasais	Essa variável não foi selecionada pelo programa de análise estatística.
Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (ponto de articulação)	Consoantes labiais e labiodentais.	Consoantes pós-alveolares e alveolares.
Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica	Distância zero	Essa variável não foi selecionada pelo programa de análise estatística.
Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (ponto de articulação)	Consoantes velares e palatais	Consoantes velares
Sexo do participante	masculino	masculino

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação sobre a variação das vogais médias altas pretônicas no dialeto de Uberlândia-MG pretende somar-se aos diversos estudos já realizados no território brasileiro sobre esse tema. O desenvolvimento dessa pesquisa foi motivada pela leitura de dissertações, teses e artigos de vários autores, tais como: Bisol (1981), Graebin (2008), Viana (2008), Silva (2009), Matzenauer e Miranda (2009), Rezende e Magalhães (2011), Rezende (2013) e Fagundes (2015), que foram importantes para construir e ampliar os conhecimentos a respeito da complexidade do sistema vocálico pretônico nas mais diversas regiões do Brasil.

Assim, o ponto central deste trabalho foi descrever a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no dialeto uberlandense. O *corpus* de pesquisa foi constituído por 24 entrevistas que fazem parte do banco de dados do GEFONO e que foram realizadas com habitantes naturais de Uberlândia-MG. Esses habitantes foram estratificados segundo os critérios da sociolinguística que foram descritos na metodologia desta pesquisa.

Com a realização deste estudo verificamos que, na fala dos uberlandenses, predomina a realização das vogais médias altas pretônicas, porém, com a presença considerável da variante média baixa, o que demonstra a variabilidade do fenômeno investigado. Desse modo, cumprindo os objetivos propostos e respondendo às perguntas de pesquisa elencadas para o desenvolvimento deste estudo, com base nos resultados que obtivemos, é possível afirmar que o sistema vocálico pretônico uberlandense é estruturalmente constituído por cinco vogais, quais sejam: a vogal baixa /a/, as vogais altas /i/ e /u/ e as vogais médias altas /e/ e /o/, que sofrem variação, em contextos específicos e, assim, podem ser realizadas como médias baixas [ɛ] e [ɔ]. Portanto, a partir da checagem das hipóteses, esse estudo de base teórica variacionista permitiu-nos chegar às seguintes conclusões:

1º) Existe variação entre as vogais médias pretônicas no dialeto uberlandense operando para que as vogais sejam realizadas como vogais médias altas, na maioria das vezes, ou como médias baixas;

2º) A regra de abaixamento se aplica com mais frequência quando a sílaba pretônica está no início da palavra, como foi confirmado na análise dos dados;

3º) Com relação à altura da vogal tônica, confirmamos que as vogais médias baixas favorecem a aplicação da regra de abaixamento das vogais pretônicas;

4º) Este estudo confirmou que o abaixamento das vogais médias pretônicas ocorre com mais regularidade em palavras cuja sílaba tônica é nasal do que em palavras cuja sílaba tônica é oral;

5º) Os resultados que obtivemos confirmaram a nossa hipótese de que quanto mais próxima a vogal pretônica analisada estiver da sílaba tônica ou do início da palavra, maior é a probabilidade de essa vogal pretônica ser realizada como [ɛ] ou como [ɔ];

6º) Sobre a hipótese referente ao peso silábico, os dados mostraram que a regra de abaixamento se aplica com mais frequência em sílabas leves pretônicas do que em sílabas pesadas;

7º) Confirmamos que o abaixamento ocorre mais no falar de indivíduos do sexo masculino do que no do sexo feminino;

8º) A hipótese que prediz que a faixa etária mais alta selecionada para o desenvolvimento deste estudo (acima de 49 anos de idade) realiza com mais frequência o abaixamento de /e/ e de /o/ do que os falantes mais jovens foi refutada, pois o programa de análise estatística não selecionou essa variável;

9º) Por fim, a hipótese de que os falantes que possuem grau de escolaridade entre 0 e 11 anos de estudo aplicam mais a regra de abaixamento do que os falantes que têm mais de 11 anos de estudo também foi refutada, pois a variável grau de escolaridade não foi selecionada pelo *GoldVarb X*.

Por conseguinte, os resultados da pesquisa mostram que o principal fator favorecedor para aplicação de regra de abaixamento das vogais médias pretônica /e/ e /o/ é o contexto onde há presença de uma vogal média pretônica baixa na sílaba tônica. Desse modo, quando há a presença da vogal baixa tônica quase categoricamente a vogal média pretônica aplica regra de abaixamento, este fator que foi claramente comprovado em nossos dados.

Portanto, acreditamos que essa pesquisa foi importante, pois, por meio de sua realização, contribuímos para a descrição do sistema vocálico do dialeto de Uberlândia-MG e também para os processos de variação que emergem desse sistema, fazendo com que haja a variação das vogais médias em posição pretônica.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema voFfcálico do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 166-199.

BRESCANCINI, C. R. A análise de Regra Variável e o Programa Varbrul 2S. In: BISOL, L. BRESCANCINI, C. R. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. **Harmonização Vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI-RICARDO, S.M.; **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. O Vocalismo do Português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, 1996. p. 27-40.

CAMARA JR., J. M. 1970. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 47. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**. London: [s.n.], n. 2, p 225-252, 1985.

_____. A unified set of features for consonants and vowels. [S.l.], Cornell University, 1989a (ms.).

_____. **On the Representation of Vowel Height**. [S.l.], Cornell University, 1989b (ms.).

_____. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory**, [S.l.], n. 5, p. 37-76, 77-123, 1991.

_____; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.) **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995. p. 245-306.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FAGUNDES, G. R. **O abaixamento das vogais médias pretônicas em Bélem/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto migrante maranhense frente ao dialeto falado de Belém/PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2015.

FELICE, A. C. G. L. **Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. p. 137-139.

GRAEBIN, G. de S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. 1972. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. In.: FONSECA, M. e NEVES, M. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins: 17-92, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LEE, S. H.; OLIVEIRA, M. A. Variação linguística, teoria fonológica, difusão lexical. In: Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL, 15, 2008, Montevideu. Resumos... Montevideu: [ALFAL], ago. 2008. CD-Rom.

MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M. Traços distintivos e a aquisição das vogais do PB. In da HORA D. (Org.). **Vogais no ponto mais oriental das Américas**. Ideia, João Pessoa, 2009. p. 37-55.

MOLLIKA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MORAES, M. C. **O Paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas**. 16. ed. Revista Em Aberto, Brasília, n.70, 1996.

PAIVA, J. Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças. In: OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 29-42.

REZENDE, F. A. **O processo de variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

REZENDE, F. A.; MAGALHÃES, J. S. de. O sistema vocálico pretônico do Triângulo Mineiro – enfoque sobre as cidades de Coromandel e Monte Carmelo. **Revista Horizonte Científico**, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/7268/7851>, Acessado em 24 jun. 2017.

SILVA, A. do N. **As pretônicas no falar teresinense**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCHWINDT, L. C. da S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. C. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. 1968. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICE

**APÊNDICE A – TABELA COM OS CÓDIGOS PARA A CODIFICAÇÃO
CÓDIGOS PARA A CODIFICAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA**

VARIÁVEIS DEPENDENTES: /e/ e /o/

VARIANTES: [e], [ɛ], [o], [ɔ]	
B	Símbolo usado para demonstrar que a vogal média coronal na sílaba pretônica foi realizada como a média alta [e]. (ex.: pr[e]firo) ³¹
C	Símbolo usado para demonstrar que a vogal média coronal na sílaba pretônica foi realizada como a média baixa [ɛ]. (ex.: r[ɛ]lógio)
A	Símbolo usado para demonstrar que a vogal média labial na sílaba pretônica foi realizada como a média alta [o]. (ex.: m[o]rreu)
D	Símbolo usado para demonstrar que a vogal média labial na sílaba pretônica foi realizada como a média baixa [ɔ]. (ex.: c[ɔ]lega)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGÜÍSTICAS

Contexto fonológico precedente à vogal pretônica	
1	Consoante (ex.: <u>r</u> eceita; <u>r</u> omance)
2	Vogal (ex.: <u>r</u> eeleito; <u>v</u> iolência)
3	Pausa (ex.: # <u>e</u> xatas; # <u>o</u> lhão)

³¹ Os dados servem para exemplificar os contextos analisados, o que não significa ter ocorrido a regra de abaixamento nas palavras referidas.

Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (Modo)	
O	Oclusivas (ex.: in <u>te</u> net; pou <u>s</u> ada)
F	Fricativas (ex.: <u>v</u> erdura; <u>f</u> ofoca)
N	Nasais (ex.: <u>m</u> enor; <u>m</u> omento)
L	Líquidas (ex.: <u>l</u> evada; <u>r</u> omântico)
P	Pausa (ex.: # <u>e</u> xatas; # <u>o</u> lhão)
T	Tepe (ex.: <u>p</u> refiro; <u>p</u> roblema)
G	Vogais médias altas (ex.: <u>r</u> eeleito)
H	Vogais altas (ex.: violê <u>n</u> cia)

Contexto fonológico precedente à vogal pretônica (Ponto)	
V	Velares (ex.: <u>r</u> espeito; <u>g</u> ostava)
A	Alveolares (ex.: <u>a</u> tenção; <u>d</u> oméstico)
L	Labiais (ex.: <u>m</u> elhor; <u>p</u> orque)
P	Palatais (ex.: <u>c</u> on <u>h</u> eci)
O	Pausa (ex.: # <u>e</u> rrado; # <u>o</u> posto)
D	Labiodentais (ex.: di <u>v</u> ertido; su <u>f</u> ocava)
S	Pós-alveolares (ex.: <u>j</u> eová; <u>ch</u> ocolate)

W	Vogais médias altas (ex.: <u>ree</u> leito)
H	Vogais altas (ex.: <u>vi</u> olência)

Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica	
1	Consoante (ex.: liber <u>d</u> ade; mot <u>i</u> vo)
2	Vogal (ex.: <u>real</u> izar)

Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (Modo)	
N	Nasal (ex.: matem <u>a</u> tica; com <u>pr</u> ava)
O	Oclusivas (ex.: <u>de</u> p ende ; pod <u>di</u> a)
F	Fricativas (ex.: <u>pre</u> f <u>ir</u> o; <u>gost</u> ei)
L	Líquidas (ex.: <u>per</u> gunta; escol <u>hi</u>)
T	Tepe (ex.: <u>pod</u> er <u>ia</u> ; namo <u>r</u> ando)
A	Africadas (ex.: <u>acred</u> itar)
V	Vogal baixa (ex.: abenç <u>o</u> ado)
G	Vogais médias altas (ex.: <u>ree</u> leito)
H	Vogais altas (ex.: <u>re</u> úne)

Contexto fonológico seguinte à vogal pretônica (Ponto)	
V	Velares (ex.: neg <u>ó</u> cio; cor <u>ri</u> a)
A	Alveolares (ex.: es <u>q</u> ueço; com <u>o</u> dismo)
L	Labial (ex.: dem <u>a</u> is; com <u>p</u> lica)
P	Palatal (ex.: ac <u>re</u> ditar)
D	Labiodental (ex.: rev <u>is</u> ta; vo <u>y</u> ô)
J	Pós-alveolares (ex.: fech <u>a</u> do)
S	Vogal baixa (ex.: balance <u>a</u> do)
W	Vogais médias altas (ex.: re <u>e</u> leito)
H	Vogais altas (ex.: ve <u>i</u> culo)

Altura da vogal tônica	
1	Altas (ex.: al <u>e</u> rgia; leg <u>u</u> mes)
2	Médias altas (ex.: so <u>fr</u> er; gost <u>o</u> so)
3	Médias baixas (ex.: rem <u>e</u> dio; fo <u>f</u> oca)
4	Baixa (ex.: mor <u>a</u> va)

Qualidade da vogal tônica	
1	Oral (ex.: pref <u>ir</u> o)
2	Nasal (ex.: emoç <u>ão</u>)

Distância entre a sílaba pretônica e a sílaba tônica	
Z	Distância zero (ex.: rem <u>é</u> dio; mot <u>iv</u> o)
U	Distância de uma sílaba (ex.: evang <u>é</u> lica)
D	Distância de duas sílabas (ex.: movim <u>en</u> tado)
T	Distância de mais de duas sílabas (ex.: recuperaç <u>ão</u>)

Distância entre o início da palavra e a sílaba pretônica	
Z	Distância zero (ex.: #mor <u>av</u> a)
U	Distância de uma sílaba (ex.: <u>me</u> lhorar)
D	Distância de duas sílabas (ex.: <u>acon</u> tecer)
T	Distância de mais de duas sílabas (ex.: <u>aposenta</u> doria)

Tipo de sílaba pretônica	
L	Leves (V, CV, CCV) (ex.: <u>e</u> xatas; con <u>he</u> cidos; <u>pro</u> cura)
P	Pesadas (VC, CVC) (ex.: <u>hos</u> pital, <u>go</u> star)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

SEXO	
M	Masculino
F	Feminino
FAIXA ETÁRIA	
Q	Entre 15 e 25 anos de idade
X	Entre 26 e 49 anos de idade
Y	Com mais de 49 anos de idade
GRAU DE ESCOLARIDADE	
2	Entre 0 e 11 anos de estudo
1	Com mais de 11 anos de estudo

**APÊNDICE B – ESPECIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTEXTO FONOLÓGICO
PRECEDENTE E SEGUINTE (MODO E PONTO DE ARTICULAÇÃO)**

Especificação das variáveis do contexto fonológico precedente e seguinte (Modo)	
Oclusivas	[p, b, t, d, k, g]
Fricativas	[f, v, s, z, ʃ, ʒ]
Nasais	[m, n, ñ]
Líquidas	[l, ʎ, r, x]
Pausa	# (esse contexto só existe na posição precedente)
Tepe	[r]
Vogais altas	[i, u]
Vogais médias altas	[e, o]
Vogais médias baixas	[ɛ, ɔ]
Vogal baixa	[a]

Especificação das variáveis do contexto fonológico precedente e seguinte (Ponto)	
Velares	[k, g]
Alveolares	[t, d, n, r, ɾ, s, z, l]
Labiais	[p, b, m]
Palatais	[ɲ, ʎ]
Pausa	# (esse contexto só existe na posição precedente)
Labiodentais	[f, v]
Pós-alveolares	[ʃ, ʒ]
Vogais altas	[i, u]
Vogais médias altas	[e, o]
Vogais médias baixas	[ɛ, ɔ]
Vogal baixa	[a]

ANEXO

ANEXO A - ROTEIRO PARA CONVERSA LIVRE ³²

QUESTIONÁRIO LIVRE

Tema A - Infância:

- Onde você foi criado? Conte como foi sua criação.
- Como foi sua infância?
- Como era seu relacionamento familiar?
- Quais são suas melhores lembranças? Por quê?
- Qual era seu maior medo na infância? Por quê?
- E hoje, qual é seu maior medo? Por quê?
- Conte algo de engraçado que te marcou.

Tema B - Uberlândia:

- Como é o seu município?
- Quais as principais festas que acontecem em Uberlândia? Conte como são e o que acontecem nessas festas.
- Qual atividade econômica é desenvolvida em seu município? Você já fez algo ligado a essa atividade? Comente.
- Fale sobre as atividades turísticas oferecidas na região, o que há de bom para fazer nos finais de semana ou nos períodos de folga?

Tema C - Casamento:

SE FOR CASADO:

- Como você conheceu seu esposo (sua esposa)? Foi amor à primeira vista?
- Conte como foi seu casamento.
- Você teve festa de casamento? Onde foi? O que aconteceu na festa que você está sempre recordando? Conte os fatos mais importantes.
- Se hoje você não fosse casado (a), você faria tudo de novo? Por quê?
- De que forma você definiria o casamento atual? Por quê?

SE NÃO FOR CASADO:

- Você tem planos de se casar um dia?
- Como imagina que será seu casamento?

³² Roteiro elaborado por Felice (2012, p. 137-139).

- Você pensa em ter filhos? Quantos?
- Terá festa? Como imagina que será?
- Como você define um casamento?

Tema D - Religião:

- Qual é a sua religião? Por que você escolheu esta religião? Comente.
- Como você vê as demais religiões? Por quê?
- Sua família frequenta a mesma igreja e/ou centro que você?
- Se você não tem nenhuma religião ao menos você crê em Deus? Por quê? Comente.
- Você tem algum tipo de preconceito entre certas religiões? Que preconceitos são esses? Comente.

Tema E - Trabalho:

- Em que você trabalha? Você se considera uma pessoa realizada profissionalmente? Por quê?
- Quais são as suas metas no campo profissional? Você já cumpriu todas? Comente.
- Você já teve problemas com pessoas que fazem parte de seu ambiente de trabalho? Comente.
- Se você pudesse escolher em que trabalhar e como trabalhar, o que você escolheria e como trabalharia? Por quê?

Tema F - Literatura:

- Você tem o costume de ler? Quais livros já leu? Eles eram sobre o quê?
- Você prefere qual tipo de leitura: gibis, revistas, jornais, tabloides, romances?
- Qual livro marcou a sua infância? Por quê?
- Quais tipos de livros chamam a sua atenção: terror, autoajuda, amor, aventura, suspense?

Tema G - Televisão:

- Qual o seu programa de televisão favorito?
- Você acha que a televisão “emburrece as pessoas” ou oferece informações interessantes que ajudam as pessoas a conduzir suas vidas?
- Qual a sua preferência de gênero televisivo: novela, telejornal, *reality show*, *talk show*, entretenimento, esportes, filmes, desenhos animados?

Tema H - Internet:

- Você tem acesso à internet? O que gosta de fazer nesta ferramenta mundial?

- Quais *sites* você considera muito ruins, e quais muito bons?
- Você já teve a curiosidade de entrar em *sites* de outros países?
- Participa de redes de relacionamentos? *Orkut, Twitter, Facebook*?
- Tem e-mail? Tem o costume de mandar que tipo de e-mail para sua lista: religiosos, charges, músicas ou apenas textos?

Tema I - Animais:

- Quais animais você tem em casa?
- Qual o seu animal favorito? Qual acha mais bonito dentre todos?
- Se você fosse um animal, gostaria de ser um animal grande ou pequeno, por quê?
- Se você pudesse adquirir características de animais, qual escolheria: voar ou nadar?

Tema J - Crianças:

- Você gosta de crianças? Tem alguma criança na sua família? Como ela é?
- Com quantos anos teve filho? Comente sobre este momento. (caso já tenha filho)
- Com quantos anos pretende ter filho? Como imagina que será? (caso não tenha filho)

Tema K - Turismo:

- Quais cidades você já visitou?
- Qual a menor cidade já visitou? Qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual a maior cidade já visitou? Qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual cidade você teve maior interesse quando visitou? Por quê?

Tema L - Família:

- Sua família é unida ou desunida?
- Onde moram seus familiares?
- Conte sobre sua família: como são seus avós, tios, sobrinhos, primos, etc.

Tema M - Alimentação:

- Qual comida você prefere?
- Qual comida não te atrai?
- Sabe a receita de algum prato? Conte como é.
- Que tempero tem sua preferência?
- Gosta ou sabe cozinhar? Quais pratos prefere fazer?
- O que você acha que é uma alimentação saudável? Você se utiliza dela?